LUTEMOS PELA FRENTE ÚNICA PARA ANULAR A AMEAÇA DA "LEI DE SEGURANÇA"

A CLASSE OPERÁRIA

LUTEMOS CONTRA O "PAN-AMERICANISMO", QUE SIGNIFICA OBEDIÊNCIA AO IMPERIALISMO IANQUE

ANO II — RIO DE JANEIRO, 16 DE AGOSTO DE 1947 — NÚMERO 86

O QUE VISAM É A HEGEMONIA DOS BANQUEIROS IANQUES

Fala PRESTES sôbre a Conferência de Petrópolis

«Nos dias de hoje, a guerra só pode vir do grande centro da reação mundial, que são os Estados Unidos de Truman e Marshall» — Pan-Americanismo de fachada — «O Pan-Americanismo de verdade há de ser alcançado, através da luta de nossos povos contra a exploração imperialista»

A propaganda organizada das grandes agências norte-americanas, cujos interêsses estão estreitamente ligados aos dos trustes imperialistas, aos quais por sua vez se subordinam os órgãos da «imprensa sadia», está dando uma falsa impressão da Conferência Inter-americana ontem instalada em Petrópolis. Essa máquina de propaganda vem tentando criar a ilusão de que a Conferência Inter-americana é um assunto dos povos de todo o continente e de que vai solucionar problemas fundamentais da existência dos nossos povos.

Os comunistas têm o dever patriótico, nêste momento, de esclarecer os verdadeiros objetivos dos imperialistas americanos na Conferência. E' com esta finalidade que Luiz Carlos Prestes nos concedeu a entrevista que publicamos aquí, desmascarando os planos sinistros dos portavozes dos grandes monopólios dos Estados Unidos. Cada uma das perguntas feitas a Prestes é uma interrogação que se levanta no meio das grandes massas. E mais uma vez Prestes responde a tôdas elas com seu conhecido senso de objetividade e clareza admiráveis. Suas primeiras palavras são precisamente sôbre a falta de interêsse popular em tôrno dêsse conclave:

— Por maior que seja a propaganda feita em tôrno dessa Conferência e por mais que dela falem os principais órgãos da imprensa continental, é evidente o pouco ou quase nenhum interêsse despertado entre os nossos povos, entre as grandes massas trabalhadoras latino-americanas, por mais êsse conclave do pan-americanismo oficial, hoje sob a batuta de Mr. Truman e seu Secretário de Estado Marshall, homens dos grandes banqueiros, dos trusts e dos monopólios que a todos nos exploram de maneira cada dia mais cínica e violenta.

— *Que pensa sôbre a formação de um bloco continental para a defesa da Paz?*

— A guerra moderna, a grande guerra total, só pode ser feita nos dias de hoje pelas grandes potências altamente industrializadas. A paz, portanto, depende antes e acima de tudo do bom entendimento e da cooperação leal entre as grandes potências, especialmente entre as três maiores, que são os Estados Unidos, a União Soviética e a Grã Bretanha. A paz só pode ser garantida, pois, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Os blocos continentais em nada concorrerão para isso, ao contrário só poderão dificultar ou prejudicar a política de colaboração e de paz das Nações Unidas.

— *Qual a sua opinião sôbre o pan-americanismo tão intensamente apregoado com a realização da Conferência?*

— Na verdade essa tão propalada fraternidade pan-americana não tem sido senão o privilégio conquistado pouco a pouco pelos banqueiros ianques de explorar nossos povos, mantidos no atrazo e na ignorância, sistemàticamente expoliados pelo capital estrangeiro, com suas economias nacionais deformadas porquê orientadas não no sentido do progresso nacional de cada povo vítima, mas de acôrdo com os interêsses dos trustes e monopólios ianques. Êsse pan-americanismo desigual, essa pretensa fraternidade do explorador com os explorados, não tem sido senão a máscara do avanço progressivo do explorador, por bem ou por mal, mesmo a custa de conflitos tão sangrentos como a guerra imperialista do [illegible] entre interêsses inglêses e norte-americanos. Êsse é um pan-americanismo de fachada que nem ao menos serve aos povos para ajudá-los a se livrar dos seus opressores mais odiosos; é uma fraternidade que assiste impassível, como ainda agora, à sangueira do heróico povo guarani, vítima de um tirano sem entranhas. De um pan-americanismo dessa espécie seria tolice esperar paz e segurança, progresso e felicidade para os nossos povos.

— *Que pensa da vinda de Marshall e Truman ao Brasil?*

— Não pode ser de paz nem de segurança o que virão tratar, em Petrópolis, Marshall e Mr. Truman. Suas intenções já não são as mesmas de Roosevelt que desejava em seu tempo unir os povos americanos contra o nazi-fascismo que ameaçava o mundo. O nazi-fascismo foi militarmente batido e, hoje, o que fazem Truman e Marshall é impedir que as fôrças democráticas consolidem sua vitória e que os povos se libertem da exploração imperialista. Truman e Marshall são hoje os grandes protetores de Franco e Salazar, da monarquia fascista que oprime o povo grego, da reação de Chiang-Kai-Shek, da Holanda imperialista que sangra os povos da Indonésia, são os amigos muito íntimos e particulares de Trujillo, de Somoza, de Dutra e de Morínigo. Nada disso é segredo, porque Truman em seu discurso de 12 de março foi muito franco para declarar seu apoio, em armas e dólares de que possa dispor, a todos aquêles que pelo mundo afora quiserem combater a democracia e se prestarem ao papel de agressores contra a União Soviética, contra todos aqueles, enfim, que lutem pelo progresso de seus povos. Nestas condições, não é difícil adivinhar as verdadeiras intenções com que aquí chegam Marshall e Truman. A pretexto de paz e de segurança, o que visam êsses senhores só pode ser a unificação da América sob a hegemonia dos banqueiros ianques para o desejado domínio do mundo.

— *Não acha possível que delegações latino-americanas resistam, na Conferência, às investidas imperialistas?*

— E' de se esperar que desta vez, mais do que nas Conferências anteriores, surjam em maior número, entre os delegados latino-americanos, patriotas capazes de denunciar e repelir as manobras guerreiras e exploradoras de Truman e Marshall. A guerra contra o nazi-fascismo teve reflexo também em nosso Continente; não foi inútil o sacrifício da FEB, e os povos latino-americanos ganham cada

(Conclui na 7.ª pág.)

Comunista é sinônimo de patriota

Por JOÃO AMAZONAS

(Trecho de uma conferência pronunciada na A.B.I.)

Ainda hoje, depois do grande teste da segunda guerra, voltam os reacionários a taxar os comunistas de anti-patriotas. Seus esforços chegam a ser desesperados para «provar» que somos inimigos da Pátria mas, nem por isto, devemos deixar sem resposta os argumentos que usam.

Já agora milhões de brasileiros compreendem que patriotas são aqueles que lutam pela completa independência do Brasil e anti-patriotas são os que vivem justificando a exploração do país pelos banqueiros imperialistas. Tendo crescido o sentimento patriótico das grandes massas, neste despertar do após-guerra, e tendo aumentado, por outro lado, as pretensões do imperialismo de domínio do mundo, é natural que os agentes e serviçais do capital financeiro em países como o nosso, tudo façam para impedir o exercício do direito de crítica, de livre manifestação do pensamento, a liberdade de imprensa, de reunião, de associação, visando cobrir melhor seus crimes contra a Pátria.

Como está camuflada hoje a luta dos que querem vender o Brasil ao imperialismo americano?

1.º — Pela propaganda de uma guerra iminente entre a União Soviética e os Estados Unidos;

2.º — Pela justificação de que, sendo o nosso país economicamente pouco desenvolvido, deve entregar a exploração de suas riquezas ao capital estrangeiro.

Não é por acaso que a imprensa «sadia» faz tanta fôrça para convencer seus leitores de que é inevitável uma guerra entre a URSS e os Estados Unidos. O «Jornal do Brasil», que reflete a opinião de uma parcela da burguesia, não teve pejo de publicar um artigo defendendo descaradamente os interêsses de Wall Street. Diz o articulista:

«O Brasil não deve e não poderia fugir à solidariedade com os Estados Unidos na eventualidade de uma guerra contra a Rússia.»

E justifica, sem qualsquer rodeios, o seu ponto de vista:

«O Brasil é país importador de combustíveis, de metais e de máquinas. Já teve o Brasil, nas duas guerras mundiais, experiências longas e dolorosas do que lhe custa, em privações de tôda sorte, a falta de combustíveis, de metais e de máquinas, sem se falar no trigo, de cuja importação depende ainda. Na eventualidade de uma guerra em que se envolvessem os Estados Unidos, ficaria o Brasil na alternativa de acompanhar a grande República do Norte ou de isolar-se, impedindo de importar aquele imenso material, indispensável à continuação de tôda a sua atividade econômica. Só por absoluta insensatez poderia vacilar na escolha de seu caminho.»

E certo que não há condições para uma guerra próxima entre os EE. UU. e a União Soviética, mas essa propaganda serve para encobrir a traição dos que vivem das gorgetas do imperialismo. Qual é o conceito de patriotismo dêsse articulista? E o da submissão da soberania nacional aos interêsses de uma potência estrangeira. E' o conceito do indivíduo que olha para os problemas nacionais não em função das necessidades do nosso povo mas segundo os interêsses dos grandes banqueiros e trustes internacionais. Seu pensamento está bem claro nestas poucas linhas: «Já teve o Brasil, nas duas guerras mundiais, experiências bem longas e dolorosas do que lhe custa, em privações de tôda sorte, a falta de combustíveis, de metais e de máquinas...» E o que apresenta como solução? Que devemos, numa terceira guerra mundial, continuar com a «experiência bem longa e dolorosa»... para servir os Estados Unidos. Porque, é certo, que o Brasil, tanto na primeira como na segunda guerra mundiais não se isolou, mas participou do conflito ao lado dos Estados Unidos.

O verdadeiro patriota, se estivesse realmente convencido de que o mundo caminhava para uma terceira guerra, teria que pensar com antecedência na maneira pela qual deveria defender o Brasil e o seu povo das terríveis consequências dessa guerra. Estaria interrogando a si mesmo: «O que devemos fazer em nossa Pátria para salvaguardar a sua independência?» Tinha o dever de alertar a Nação e de lutar para que o Govêrno orientasse a política interna e externa do país de molde a garantir o incremento da producão daqueles artigos

(Conclui na 2.ª pág.)

neste número

Chamamos a atenção dos leitores para as seguintes matérias:

AFUNDAM-SE NO ATOLEIRO OS DIRIGENTES DO P.S.D.

Conforme é amplamente conhecido, os dirigentes do P. S. D. continuam insistindo na cassação ou extinção do mandato dos parlamentares comunistas. Além de revelar uma notável dose de cinismo e de baixa subserviência com relação ao truculento grupo fascista, os dirigentes responsáveis do P. S. D. estão insistindo na política mais prejudicial aos interêsses do seu próprio partido.

Já vimos como foi fragorosamente derrotada a manobra dos «cinco sábios» junto ao T. S. E., que, por quatro a dois votos, se julgou incompetente para cassar ou extinguir mandatos. Repisando no mesmo caminho errado, a direção pessedista elaborou agora um projeto de lei ordinária, com o objetivo de regular a questão dos mandatos. Ora, é sabido que essa questão já se encontra perfeitamente regulada na Carta Constitucional, implicando em sua reforma qualquer modificação ou acréscimo. Os dirigentes do PSD pretendem obter, com simulada ingenuidade, por uma lei ordinária o que só é possível através de uma reforma constitucional, naturalmente muito difícil. Pretendem «forçar a porta», como já se expressou o deputado pessedista Vieira de Melo. Não deverá estranhar, por isso, o sr. Ivo d'Aquino mais uma derrota, semelhante àquela que enterrou os «cinco sábios».

No seu último discurso perante o Senado, Luiz Carlos Prestes afirmou que a cassação do registro eleitoral do P. C. B. foi um tremendo êrro político. De fato, como reconheceu um dos mais conceituados jornais burgueses, o «Diário de Notícias», a política

(Conclui na 2.ª pág.)

Comunista é Sinônimo De Patriota

(Conclusão da [illegible] pág.)

[illegible] dispensáveis à sua economia e que hoje importamos justamente do país que considera [illegible] beligerante no próximo conflito.

[illegible] o patriota do «Jornal do [illegible]» prefere raciocinar que [illegible] Brasil é país importador de máquinas e de combustíveis deve tratar, desde já, de submeter-se aos planos guerreiros de uma potência estrangeira...

Esquece-se ainda êsse senhor, que em 1942, entramos na guerra ao lado dos Estados Unidos e, apesar disto, ficamos privados de receber durante o período do conflito — e até os dias de hoje — as máquinas de que tanto necessitamos para o desenvolvimento do nosso parque industrial. Esquece-se ainda que a gasolina foi rigorosamente racionada e que tivemos de recorrer ao gasogênio nacional.

Com êsse conceito de patriotismo não concordamos, nós, os comunistas. Queremos, senhores, construir em nossa Pátria uma indústria bastante poderosa que possa assegurar a defesa do território pátrio. Queremos construir os meios de defesa capaz de impôr respeito a todos aqueles que sonham em transformar êste grande e belo país de 8 milhões e meio de quilômetros quadrados, possuindo riquezas fabulosas, em colônia dos banqueiros internacionais. Por isso mesmo lutam os comunistas brasileiros para modificar a orientação política e econômica do nosso Govêrno.

Todos sabem que a nossa economia está organizada não para servir principalmente os interêsses do povo brasileiro, mas está orientada de acôrdo com os interêsses do mercado externo. Somos ainda país essencialmente agrícola, produtor de matérias primas, de café, de algodão, de cêra de carnaúba, de madeira, de borracha e outros artigos de exportação. Por esta razão temos que nos submeter ao comprador estrangeiro (que hoje é a América do Norte). O preço dêsses produto é ditado pelos banqueiros americanos. Compram a nossa cêra de carnaúba por Cr$ 1.300,00 a arroba numa determinada época; tôda a economia de vários Estados da Federação se estabelece à base dos impostos cobrados pela exportação da cêra. Mas de um dia para o outro os compradores resolvem pagar apenas Cr$ 300,00 por arroba e nós entramos em dificuldades insuperáveis. Basta que tomemos qualquer posição política que contrarie os Estados Unidos para que êste, utilisando a alavanca econômica, submeta-nos por completo. É o que acontece com o café, com a borracha, com o algodão, etc. Ou concordamos com as imposições dos americanos ou êles ameaçam baixar o preço ou deixar de comprar. E nós, como mendigos, suplicamos: «Não façam isso conosco, somos seus amigos do peito...»

É contra esta situação de mesquinha inferioridade que lutamos. Queremos a economia brasileira organizada de acôrdo com os interêsses do nosso povo, e para que isto aconteça, é necessário que o Brasil ultrapasse a etapa histórica que hoje defronta, realizando aquilo que nos há de livrar do domínio imperialista: a reforma agrária e a industrialização do país (Palmas prolongadas).

....

Também no caso do petróleo podemos fazer um teste do patriotismo dêsses senhores que vivem alardeando amor ao Brasil mas que, com mão de gato, o que fazem é entregar as nossas riquezas ao imperialismo. Durante muito tempo serviram êles de testa de ferro da Standard numa forte campanha para «demonstrar» que não havia petróleo no Brasil. O petróleo, porém, arrancado pelo esfôrço patriótico de Oscar Cordeiro, jorrou na Baía. Voltaram os testas de ferro da Standard a «demonstrar» que havia petróleo, mas em tão pequena quantidade que jamais poderia ser explorado comercialmente. Abriram-se poços novos e outros seguidores de Oscar Cordeiro, provaram ao contrário. Agora o estribilho é outro: o Brasil não possui recursos para explorar os seus mananciais de petróleo e, portanto, deve entregá-los à Standard Ooil. Há mesmo os mais cínicos que, em nome duma pseudo defesa continental, afirmam ser necessário dar o nosso petróleo, em concessão, ao truste americano, porque as reservas dos EE. UU. estão quase a esgotar-se...

Bem podemos contestar os que vivem alegando não ter o Brasil recursos para explorar suas próprias riquezas, apontando o exemplo da União Soviética que soube, depois da Revolução de 1917, completamente dizimada pela guerra imperialista e posteriormente pela guerra civil, cercada pelo ódio furioso dos capitalistas do mundo inteiro, construir, graças ao patriotismo e à devoção dos seus filhos, essa grande potência que, hoje, luta para conseguir maior bem estar para o seu povo e defende a independência para todos os outros povos (Palmas).

....

Senhores, não há presentemente nenhum perigo de guerra entre os EE. UU. e a União Soviética. Diz o povo que quando um não quer, dois não brigam, e se os banqueiros americanos suspiram por um conflito com a União Soviética, a União Soviética lhes responde, como se faz na gíria carioca: «Nem te ligo...» A União Soviética não está interessada em conflito de qualquer natureza, está preocupada em defender a Paz e em reconstruir a sua economia devastada pela invasão dos bárbaros fascistas. Não há atualmente condições para uma nova guerra. Entretanto, sonhando com ela, os imperialistas dos Estados Unidos procuram, pouco a pouco, ir deformando a fisionomia econômica e política de todos os países, colocando-os na sua órbita, explorando-os colonialmente, na esperança de poder, daqui há mais alguns anos, atacar a União Soviética e as novas democracias da Europa.

Não nego que êsse perigo exista. Mas ao lado dêle, existe uma coisa bem maior do que a vontade dos trutes e monopólios: é a consciência esclarecida das massas populares do mundo inteiro, que hoje vêem, não apenas a União Soviética, construindo um regime de paz e de felicidade para todos; voltam-se também para os países da Europa que, tendo sacudido para sempre o jugo da dominação estrangeira, progridem rapidamente e hão de ajudar a enterrar os planos sinistros dos banqueiros ianques.

O mundo, hoje, é um cadinho onde os povos que amam a liberdade forjam a independência de suas pátrias. Em tôdas as colônias e semi-colônias milhões de criaturas, até ontem tratadas como párias ou animais, começam a acreditar na vida e põem no coração a esperança de um destino melhor pelo qual lutarão e pelo qual, se necessário, saberão morrer.

....

Não quero terminar esta breve palestra sem dizer que os comunistas, muitas vezes, têm sido acusados de serem anti-patriotas. Na Alemanha, na Itália, na Iugoslávia, na Bulgária ou na Checoslováquia os comunistas até às vésperas da derrota do fascismo, eram caçados e assassinados como traidores da Pátria. Entretanto os povos de todo o mundo reconheceram que traidor não era Dimitrof, era o Rei Boris e seus seguidores; traidor não era Thorez e sim Pétain, Daladier, Laval; traidor não era Tito, era Mihailovitch; traidor não era Gotwald e sim Monsenhor Tiso. Hoje, comunista é sinônimo de patriota. Porque o Partido Comunista é o partido daqueles que não têm negócios com os trustes e monopólios nem transações com os grandes bancos, é o partido da classe operária e, portanto, do que há de mais puro, de mais devotado, de mais sofredor em todos os países. É o partido das massas camponesas, dos intelectuais honestos, dos sábios, de todos os que amam a sua Pátria. No Brasil, o Partido Comunista é o partido dêsse grande patriota, dêsse herói do nosso povo, dêsse comandante da Coluna Invicta que levou a todos os quadrantes do Brasil a bandeira da luta pela independência nacional. É o Partido do Cavaleiro da Esperança, do camarada Luiz Carlos Prestes. — (Prolongadíssimos aplausos).

O POVO REPELIRÁ...

(Conclusão da 5.ª pág.)

sil, mas tambem outras companhias, possivelmente de outras nacionalidades, como a Shell, por exemplo. Aí estaria o "salutar principio econômico da competição" a que se refere o entrevistado.

PRONTO O ESBOÇO DO ANTE-PROJETO

Parece aliás ser esta a tendência da comissão que está elaborando o ante-projeto de legislação do petróleo, cujos membros foram escolhidos pelo Sr. Carlos Barreto. O presidente dessa comissão, sr. Odilon Braga, já deixou bem clara sua posição capitulacionistas em face aos trustes. Outros membro da Comissão é o sr. Juarez Távora, que se têm revelado advogado irredutivel da entrega do petróleo aos ianques. Quanto aos demais membros da Comissão, srs. Avelino Ignácio de Oliveira, diretor da Divisão Técnica do Conselho do Petróleo, Rui de Lima e Silva, professor da Escola Politécnica, coronel Arthur Levi, representante do Exército no CNP e engenheiro Glycon de Paiva, não se conhecem opiniões suas sôbre o dilêma — entrega ou não o nosso petróleo aos americanos mas não devem diferir das do Presidente do CNP, que, pelas suas declarações, apenas antecipa com suas palavras o sentido geral do ante-projeto, cujo esboço já está pronto e em discussão na Comissão de Investimentos.

A entrevista do sr. Odilon Braga, há cerca de um mês; as conferências do general Távora no Clube Militar e na ABI, ontem; a entrevista do general Carlos Barreto, ao que parece, visam preparar a opinião pública para a apresentação de um ante-projeto de legislação do petróleo, que traria uma solução absolutamente oposta a desejada pela imensa maioria da Nação, por todo o nosso povo, podemos dizer, pelos democrátas e patriotas em geral.

Devemos lembrar que o general Horta Barbosa, de certo já informou do sentido do ante-projeto, dirigido, na sua última conferência, um apêlo aos representantes do povo na Câmara Federal para que, na questão do petróleo, olhassem antes de tudo os altos interêses da Pátria.

Estamos assim ás vésperas da decisão final sôbre o nosso petróleo. Vemos quanto é cada vez mais intensa a pressão imperialista sôbre o nosso país. Sabemos quantas esperanças depositam os monopólios ianques nas decisões da Conferência de Petrópolis.

A "imprensa sadia", que deve desempenhar papel saliente na fáse final da batalha, começa a brir suas baterias, como fez "O Globo" a 12 do corrente.

Cabe, pois, a todos os patriotas esclarecer as massas sôbre a questão petrolífera, colocando-a nos seus devidos termos, mostrando-lhes que não existe solução intermediária no dilêma: preservar a nossa riqueza petrolífera, o que significa a sua exploração pelo Estado, com a colaboração de capitais nacionais, a defesa da soberania nacional; ou abrir as portas aos trustes com a Standard e a Shell, o que significa o aumento da opressão do nosso povo pelo imperialismo, a colonização total do nosso país, tranformado em campo de guerra das grandes emprêsas estrangeiras.

Dêsse esclarecimento das grandes massas e sua consequênte mobilização pela solução patriótica depende a aprovação ou não de um ante-projeto de traição nacional pela Câmara Federal. Depende o futuro de nosso país como Nação independênte e soberana.

A "CLASSE OPERÁRIA"

Diretor Responsável:
Maurício Grabois

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
17.º and. — Salas 1711 - 1712
Rio de Janeiro - Brasil - D.F.

ASSINATURAS:

Anual	Cr$ 30,00
Semestral	Cr$ 15,00
Número avulso .	Cr$ 0,50
Atrasado	Cr$ 1,00

Para o baile de hoje, dia 16, foram convidados parlamentares de vários partidos, entre os quais o senador Luiz Carlos Prestes

A DIFERENÇA ENTRE DUAS CONFERÊNCIAS

Ao iniciar-se a Conferência inter-americana de Petrópolis, vale a pena relembrar a última Conferência de Chanceleres realizada em nosso país. Foi em 1942. Estávamos já então, em guerra não declarada com nazismo. Navios brasileiros, em águas territoriais brasileira, pacíficos navios de passageiros eram afundados em nossas costas. Tivemos então as nossas primeiras v[illegible] da guerra. E'ramos b[illegible] agredidos pelos ban[illegible]zistas.

Existia realmente para todo o Continente americano o perigo de uma invasão, de uma brutal agressão armada. O povo norte-americano fôra surpreendido em Pearl Harbour pelos imperialistas japonêses e empunhava armas corajosamente, ingressando na frente mundial dos povos amantes da liberdade. Que o perigo para todo o Hemisfério Ocidental era iminente, basta recordar que a maior parte da Europa se encontrava sob a dominação hitlerista e apenas a União Soviética enfrentava o monstruoso conjunto das forças da agressão e lhe infligia derrotas importantes. Na Asia, o Japão tratava de executar o que os seus chefes guerreiros denominavam de «Doutrina de Monroe para o Pacífico» — «A Asia para os asiáticos». O «Plano Tanaka» era levado à prática desde a China até a Coréa, da Birmânia à Indonésia e às Filipinas.

Na Africa, forças nazi-fascistas ocupavam Dakar e ameaçavam diretamente o Continente americano. Nosso país era o ponto mais visado pelas vanguardas motorizadas da Alemanha nazista.

Assim, a Conferência Inter-americana de 1942 correspondia não só aos desejos mas também às necessidades dos povos do Continente, para uma decisão comum em face ao inimigo comum. A política progressista de Roosevelt, sua ajuda aos países que lutavam contra o fascismo, trouxera confiança e apagara muitos ressentimentos tradicionais dos povos da América Latina para com os Estados Unidos. Nem mesmo a presença na Conferência de um agente reconhecido de grupos imperialistas como Sumner Welles, diminuia o entusiasmo por um entendimento unânime em face ao agressor. E' que Roosevelt, tratando-se embora de um programa para a guerra patriótica de todos os povos, não teve a idéia de propôr coisas como a padronização de armamentos ou um comando ianque para os exércitos dos países da América Latina. E graças à política inteligente de Roosevelt, apesar da terrivel oposição da 5.a coluna nazista espalhada por todo o Continente, a Conferência Inter-americana de 1942 produziu resultados concretos, dela saíram planos objetivos, que foram, na medida das possibilidades de cadas país, postos em prática.

Foi essa Conferência que decidiu a nossa participação na guerra contra o nazismo. Defendíamos a nossa própria independência ameaçada pelo mais agressivo imperialismo de então. Ajudávamos a defender o Continente, ao mesmo tempo que lutávamos pela sobrevivência da democracia.

Cinco anos são passados. A política de boa-vizinhança inaugurada com Roosevelt morreu com o grande presidente americano. Hoje, os povos da América Latina se vêem ameaçados pela ferocidade dos grandes monopólios ianques fortalecidos pela guerra. Oficialmente, através do Departamento de Estado, essa ameaça é traduzida no «Plano Truman», que para os povos semi-coloniais do Continente tem o mesmo significado do «Plano Tanaka» do Japão para os povos asiáticos ou a «Nova Ordem» de Hitler para os povos europêus.

Hoje, em vez da solidariedade e compreensão que caracterizou a Conferência de 1942, temos a falta de objetivos condizentes com as necessidades dos nossos povos, no sentido da ampliação e consolidação das liberdades democráticas e do progresso econômico.

Enquanto as agências americanas falam hoje em «defesa do Continente», os povos da América Latina re conhecem que sob esta máscara se ocultam infames objetivos de maior penetração econômica dos grupos imperialistas ianques nos nossos países. Enquanto a propaganda

(Conclui na [illegible] pág.)

Afundam-se No Atoleiro...

(Conclusão da 4.ª pág.)

ca nacional passou a girar, desde então, principalmente em tôrno dos comunistas, que se tornaram muito mais conhecidos e prestigiados no seio das grandes massas populares. Já existem setores da classe dominante, que começam a compreender o êrro político cometido, à medida, também, em que percebem a fraqueza do grupo de aventureiros fascistas, que se apossou dos principais postos-chaves de govêrno. Comentários na imprensa burguesa já se referem ao atoleiro em que entrou a política nacional, enquanto a situação econômico-financeira do país se agrava em ritmo crescente.

Demonstrando saber colocar o interêsse nacional acima de divergências partidárias, dando, na prática, uma lição cabal de tolerância e bôa vontade, os comunistas lutam, hoje, pela formação de uma ampla frente única de homens e partidos, que liquide com o clima ditatorial, em que ainda vivemos, e reconduza o país ao regime constitucional da legalidade democrática. As próximas eleições municipais, em todo o país, possibilitam ainda mais essa perspectiva de frente única, tomando como ponto fundamental a reconquista das liberdades democráticas violadas, inclusive a liberdade de organização partidária, e a solução dos problemas econômicos imediatos, que afligem o povo brasileiro.

A cegueira dos dirigentes do PSD fará com que se afundem cada vez mais no atoleiro. Não só os comunistas, como todos os verdadeiros patriotas continuarão a desmascará-los, implacavelmente, denunciando o seu papel de serviçais do grupo fascista, que é hostilizado inclusive por importantes setores do partido majoritário.

O general Dutra, renitente na sua cegueira política, extravasando o ódio anti-democrático que tão desastroso está tornando o seu govêrno, afirmou, em Minas Gerais, que a lei de segurança é necessária ao país. Quer queira ou não queira, o general Dutra muito cedo, reconhecerá que, afora a renúncia, não lhe resta outra alternativa senão a volta à Constituição. Porque o povo brasileiro não poderá continuar sujeito à ditadura, vítima das manobras e atentados de políticos pessedistas e do grupo Alcio Souto-Costa Neto-Pereira Lira.

Frente Única Para Liquidar A Ditadura e Voltar à Constituição

Ao iniciar-se a Conferência de Petrópolis, o sr. Dutra a saudou como a realização do sonho de Bolivar, da concepção americana de José Bonifácio e do idealismo de Roosevelt, apontando-a como "um exemplo que ao mundo dão as Américas".

Não estamos bem certos de que o sr. Dutra haja aprofundado o sentido de suas palavras; é possivel que S. Excia. tenha querido apenas citar nomes simbólicos, sem maior ligação com os homens que dirigem hoje o "pan-americanismo" imperialista, os Truman, os Vandenberg, os Connally, os Marshall, por trás dos quais os "trusts" do petróleo, do trigo, do aço, do aluminio, da carne empreendem a colonização dos paises latino-americanos.

Se o ditador Dutra tivesse, com certa antecedência, estudado mais detidamente a luta de Bolivar pela independência dos povos da América espanhola, a "concepção americana" de José Bonifácio e o idealismo de Roosevelt, verificaria que êles não pretendiam o que pretendem os propiciadores e advogados do "Plano Truman". Verificaria principalmente que o idealismo dos pan-americanistas como Bolival não tem nenhuma semelhança com o "pan-americanos" de Wall Street, que significa a dominação da América elos americanos do norte. Verificaria enfim que as figuras simbólicas da verdadeira solidariedade entre os povos das Américas não se coadunam com ditaduras como a que existe hoje em nosso pais.

Para o nosso povo, como para qualquer outro, de que valerão as solênes declarações de solidariedade e respeito mútuo à soberania nacional, se as liberdades públicas fundamentais são abolidas, se partidos politicos são colocados na ilegalidade, se sindicatos operários são fechados ou postos sob intervenção ministerialista, se comicios são proibidos, a imprensa popular assaltada e mandatos de deputados ameaçados — tudo isto para abrir caminho à ação dos "trusts" imperialistas?

De que vale falar em defesa do Hemisfério, se nos enfileiramos entre os paises mais atrasados do mundo, com um povo às portas da fome e da miséria e não podemos produzir nem sequer o essencial para o nosso consumo, a mercê que estamos dos monopólios ianques?

Qual o "exemplo que damos ao mundo", a que se refere o senhor Dutra? À verdade é que damos ao mundo um triste exemplo: um pequeno grupo fascista se apossa da máquina estatal para governar ditatorialmente 45 milhões de homens, depois de termos derramado nosso sangue na guerra contra o fascismo. Mantemo-nos amarrados a uma economia semi-feudal e semi-colonial, enquanto a maioria dos povos do mundo varrem os restos de feudalismo, libertam-se da tutela imperialista e marcham para o socialismo, através de democracias populares, como os povos europêus.

E no entanto, existem condições materiais em nosso pais para seguirmos rumos opostos aos que seguimos hoje. Realizássemos a reforma agrária, e libertariamos da semi-escravização 20 milhões de camponeses que seriam então uma fôrça viva para o progresso do pais. Explorássemos nós mesmos o nosso petróleo, e teriamos vibrado um golpe de morte na ação dos "trusts" em nossa economia, reforçando as bases da nossa completa emancipação econômica. Libertássemos Volta Redonda, as nossas minas de ferro e aluminio, a nossa fábrica de aviões, da sabotagem dos cartéis ianques, e roporcionariamos condições de vida decentemente humana a milhões de operários e a todo o nosso povo.

De que depende a realização desses objetivos, que todos reconhecemos justos e que devem ser urgentemente atingidos, se não quisermos perecer domo Nação livre?

Depende fundamentalmente do restabelecimento das liberdades democráticas abolidas, da volta ao império da lei, do respeito à Constituição de 18 de Setembro. Para isso, é preciso porém, antes de tudo, fazer retroceder o grupo fascista do govêrno, liquidar a ditadura, possibilitando a formação de um govêrno de confiança nacional, à frente do qual o sr. Dutra seja obrigado a cumprir suas promessas de véspera de eleição, transformando-se no presidente de todos os brasileiros e não sòmente do grupo fascista e seus sustentáculos financeiros.

Daí a insistência com que nos batemos pela formação de uma frente única das correntes democráticas de todos os partidos politicos. Os acontecimentos nos mostram diàriamente que essa frente única é possivel, apesar do reacionarismo dos Nereu Ramos e Ivo d'Aquino, do sabujismo politico dos Honório Monteiro, ou precisamente por isso. Vimos há dias o acatamento geral à proposta de Prestes para a formação de uma comisssão inter-partidária. Vimos a Nação em pêso manifestar-se contra a Lei de Segurança dos Costa Neto e Pereira Lira. Vemos a Assembléia Estadual de Pernambuco manifestar-se, pela sua maioria, contra a "Lei Tarada". Vimos também o patriótico discurso de Prestes no Senado, desmascarando os verdadeiros conspiradores, ser transcrito, por aprovação geral, nos Anais da Assembléia Estadual do Rio Grande do Sul. Assistimos, há uma semana, mais uma espetacular derrota do grupo fascista no TSE, na tentativa frustrada de cassação dos mandatos dos deputados comunistas Diógenes Arruda e Podro Pomar.

É, portanto, apoiados na realidade nacional que propomos à frente única de tôdas as forças democráticas, com a convicção de que essa frente única só poderá ser um fato concreto através de um intenso movimento de massas, de organização e mobilização das forças populares, pela volta à Constituição, contra a chantagem da cassação dos mandatos, contra a roibição de comicios e quaisquer restrições às liberdades democráticas.

Devemos, enfim, exigir a volta do govêrno à legalidade democrática, com o livre funcionamento de todos os partidos, sem o que faltará autoridade ao sr. Dutra para falar nos exemplos gloriosos dos que lutaram pela liberdade e a democracia. O povo quer democracia de fato e não de palavras para impressionar os representantes dos povos irmãos que se acham atualmente entre nós. À medida que as grandes massas se esclarecem, vão compreendendo que é impossivel permanecermos na situação em que nos encontramos, entregues à ditadura de um pequeno grupo fascista. E ao sr. Dutra não restará outro caminho senão a volta à legalidade democrática ou a renúncia do cargo, em que tantos erros graves tem cometido.

A DIFERENÇA ENTRE DUAS CONFERENCIAS

(Conclusão da 2.ª pág.)

anque fala em «democracia», os povos latino-americanos vêem que o Departamento de Estado ajuda Morínigo, alimenta um fóco de guerra no Paraguai, provoca uma crise econômica de consequências imprevisiveis em Cuba, ajuda seu titere Trujillo na República Dominicana, enquanto no Brasil o govêrno de Dutra se transforma numa ditadura, para melhor servir aos interêsses da Standard Oil, da Light, dos moinhos de trigo e dos frigorificos ianques, com os quais se entendem melhor os Costa Neto, os Morvan, os Pereira Lira, os Correia e Castro.

Concluimos assim que a verdadeira defesa do Continente está, antes de tudo, na defesa da democracia em cada um dêstes paises, garantia de seu progresso e do bem-estar das grandes massas do povo, para podermos lutar vitoriosamente pela nossa independência, sèriamente ameaçada, hoje mais do que nunca, pela ofensiva imperialista de Wall Street.

A QUESTÃO DO RUHR, FOCO DE CONTRADIÇÕES INTER-IMPERIALISTAS

Os ianques pretendem impôr, na Conferência de Washington, a devolução das minas de carvão aos magnatas nazistas — A posição contraditória da Inglaterra — Ameaçado o interêsse nacional francês — A União Soviética se bate pelo cumprimento do tratado de Potsdam.

Está se realizando, por êstes dias, em Washington, uma conferência anglo-franco-americana sôbre o problema do Ruhr. A conferência, na verdade, é apenas anglo-americana, tendo sido convidada a França por uma deferência meramente formal. A questão do Ruhr deve ser, hoje, acompanhada com atenção, porque é um dos principais fócos de contradições inter-imperialistas e porque em tôrno do Ruhr se trava uma batalha, que precisa ser ganha pelas fôrças democráticas.

Vejamos a disposição e os objetivos das fôrças interessadas no problema.

Os Estados Unidos já anunciaram, que se propõem devolver as minas de carvão e as usinas siderúrgicas do Ruhr aos seus antigos dirigentes, que as administrarão como uma propriedade privada. Isso significaria a devolução do principal núcleo da indústria pesada alemã aos mesmos Thyssen, Stinnes, Krupp, etc., magnatas que apoiaram Hitler nas suas aventuras guerreiras. Êsses magnatas, porém, por fôrça da derrota do nazismo, são hoje elementos auxiliares dos grupos financeiros ianques, principalmente os Rockfeller e Morgan. A indústria do Ruhr, há muito tempo, vem sendo financiada e controlada pelo Banco Schroeder, atualmente ligado ao grupo Rockfeller. O grupo Morgan, através da hierarquia católica, com o cardeal Spellman à frente, está penetrando, também, fortemente, naquela bacia carbonifera.

A produção de carvão do Ruhr se encontra, hoje, ao nivel de 51% da produção de antes da guerra. Os ianques pretendem elevar consideràvelmente êsse nivel, bem como a produção siderúrgica, devolvendo minas e fábricas aos seus antigos proprietários.

Que visam com isso?

O objetivo dos ianques é utilizar-se da indústria pesada do Ruhr para submeter os paises da Europa, principalmente a França e a Inglaterra. A Europa ocidental consome, atualmente, grandes doses de carvão americano, uma vez que baixou terrivelmente a produção do carvão inglês. Mas o carvão americano é anti-econômico para a Europa, dadas as despesas de transporte e a sua qualidade inferior. O mercado europeu, cedo ou tarde, se retrairá para o carvão americano. E aí chegamos à questão vital: as minas do Ruhr, uma vez devolvidas aos magnatas nazistas, hoje ligados aos monopólios da Wall Street, servirão como um instrumento de contrôle e compressão econômica dos paises da Europa, submetendo-os mais ainda à voracidade das "sessenta familias", que governam o sistema capitalista norte-americano. Uma Europa agrária pagando tributos ao conjunto industrial alemão — eis o ideal do ianques.

Diante do problema alemão, a Inglaterra vem tendo uma atuação vacilante, que reflete as contradições de sua politica interna. A "clique de Birmighan", ameaçada pela nacionalização da siderurgia inglêsa, se volta para o Ruhr, procurando ali uma nova base para as suas operações (*Ver o artigo de Leonidos "Os verdadeiros interessados nos projetos de desmembramento da Alemanha", em "A Classe Operária", n.º 85*). O govêrno trabalhista de Atlee tem cedido à pressão dessa camarilha monopolista, aventurando-se com poucas possibilidades de êxito, a disputa aos monopólios ianques o contrôle da indústria pesada germânica através de secretas ligações financeiras. Mas o govêrno trabalhista, por outro lado, é obrigado a sustentar a sua promessa de nacionalização das minas carboniferas alemãs. O abandono dessa promessa viria trazer sério abalo no prestigio do govêrno trabalhista britânico no seio da ala direita do Partido Social-Democrata, podendo implicar inclusive na perda da liderança do Schumacher, o "Socialista" alemão, que serve ao Foreign Office.

A administração inglêsa das minas do Ruhr tem se mostrado incapaz de fazer progressos sensiveis na produção. Isso se dá, em parte, devido ao próprio atrazo técnico de que hoje sofre a Inglaterra. Além disso, a Inglaterra não tem interêsse em desenvolver o Ruhr, para amanhã sofrer a sua concorrência na exportação de carvão e de aço. Mas ainda existe outro motivo: — atrazando o erguimento da produção de carvão no Ruhr, a Inglaterra está sabotando indiretamente a reconstrução da França, cuja siderurgia sempre se alimentou, em grande parte, com o carvão do Sarre (ora sob contrôle americano) e do Ruhr (a maior parte agora sob contrôle britânico).

Os ianques, na conferência de Washintgon, argumentando com a "má administração inglêsa", inclusive nas próprias minas da Grã-Bretanha, para conseguir a devolução do Ruhr aos banqueiros alemães. De fato, segundo estatisticas do Comitê Europeu do Carvão, os mineiros da Alemanha atingiram, em junho dêste ano, apenas 51 por cento do nivel da produção de antes da guerra, a despeito do fato do seu número ter chegado a 90 por cento dêsse tempo. No Sarre, porém, no mesmo mês de junho, o nivel da produção foi de 72 por cento e o número de mineiros de 85 por cento em relação aos totais de antes da guerra.

Mas a "má administração inglêsa" não sera o único argumento dos ianques para convencer os delegados de sr. Bevin. O principal argumento é a critica situação econômica da Inglaterra, a sua carência de dólares, o seu desejo de ver-se livre de excessivos encargos na administração da Alemanha. Tudo indica, portanto, que os delegados britânicos à conferência de Washinston concordarão num compromisso, que signifique a volta parcial dos magnatas nazistas ao contrôle das minas, adiando os seus problemáticos desejos de nacionalização.

A França é, naturalmente, um dos paises mais interessados na questão do Ruhr. Não se trata somente dos interêsses do Comité des Forges, cujas minas siderúrgicas da Alsácia-Lorena preciaam do carvão germânico. Trata-se do genuino interêsse nacional francês. A França não pode consentir que, antes da sua própria reconstrução, a Alemanha, dominada pelos mesmos banqueiros que apoiaram Hitler, volte a ser uma grande potência Industrial, ameaçando os povos da Europa com outras aventuras guerreiras. Não encarando com simpatia qualquer interêsse precipitado no reerguimento da siderurgia tedesca, a França, porém, pleiteia o desenvolvimento da produção carbonifera, sob o contrôle das grandes potências, inclusive da pr-

(Conclui na 6.ª pág.)

Operários e Camponeses Da Indonésia Na Vanguarda Anti-Imperialista

Como estão organizados os trabalhadores indonésios e como lutam por melhores condições de vida e pela libertação de sua pátria

As duas mais importantes Federações Sindicais Indonésias fundiram-se em princípio de 1947, formando uma nova Central Sindical, e "Sentral Organisasi Boeroeh Seloeroeh Indonesia" (S. O. B. S. I.), Organização Central de Sindicatos da Indonésia.

Esta nova central sindical, que reune em seu seio aproximadamente 3 milhões de filiados, celebrou seu primeiro congresso nos dias 16, 17 e 18 de maio de 1947, em Malang.

Tendo sido convidada para participar dêsse congresso, a Federação Sindical Mundial foi representada por um de seus vice-presidentes, E. Kupers, presidente da Federação Neerlandesa de Sindicatos Livres.

Assistiram a êsse Congresso, igualmente como convidados, grande número de delegados de diversos países.

Eis algumas informações sôbre o movimento sindical indonésio:

Sob a dominação japonesa, os operários e os camponeses estavam organizados à base de cooperativas. No momento da libertação, as diversas grandes emprêsas de produção de açúcar e oficinas de estradas de ferro foram declaradas provisoriamente propriedade do Estado. Foram necessários vários mêses, antes de conseguir organizar a indústria e criar um movimento sindical sôbre base ampla.

A criação da S.O.B.S.I. punha fim ao mesmo tempo ao sistema cooperativo. As organizações mais importantes filiadas à central sindical são as seguintes: Oficinas de Construções de Estradas de Ferro, de Operários do Gás e Eletricidade, de Trabalhadores de Plantações e Emprêsas (açúcar, fumo, algodão, etc.) e de Operários na Indústria de Petróleo. Os mineiros se filiaram também à S.O.B.S.I. e resolveram em seu Congresso, realizado em princípio dêste ano, intervir junto ao govêrno em favor da nacionalização das minas.

De Sumatra, Celebes, Madoera e de todos os lugares da Indonésia, os sindicatos solicitaram sua admissão à central sindical.

O govêrno indonésio concede todo o seu apôio às organizações sindicais. Em seu programa, o govêrno Republicano da Indonésia prevê a fixação dos salários mínimos de acordo com o custo da vida.

Foi submetido ao parlamento, pelo Ministério dos Assuntos Sociais, um projeto de lei relativo à elevação das condições de vida dos operários. Mais de ... 90.000 enfermos se beneficiarão com o seguro financeiro do govêrno republicano. O govêrno republicano tomou também de-

(Conclui na 6.ª pág.)

A SITUAÇÃO ECONÔMICA DA INGLATERRA

Por EUGENIO VARGA
(economista soviético)

Dois anos se passaram após o fim da guerra contra a Alemanha hitleriana. Na Inglaterra, como nos outros países capitalistas da Europa que participaram da guerra, já se começou a falar de uma incubada «crise de sub-produção». Todavia, na Inglaterra não existe uma crise normal de sub-produção, mas se trata de uma crise do peculiar sistema econômico inglês. Antes mesmo da segunda guerra mundial, a estrutura da economia inglesa se distinguia por muitos aspectos daquela dos outros países capitalistas.

Esta particularidade estrutural da economia inglesa consistia, como é sabido, no pêso específico, incomparavelmente pequeno, da agricultura, na dependência de tôda a economia da importação dos produtos alimentares e das matérias primas, no aspecto particular, por assim dizer «urbano», da Inglaterra com relação aos outros países. Eis algumas cifras ilustrativas. O último recenseamento da população de antes da guerra demonstrou que o número total dos homens ativos na produção era assim dividido (em %):

	Na agricultura	Na indústria	No comércio	Nos serviços domésticos e pessoais
Na Inglaterra e nos Gales	6,2	46,2	27,6	7,8
Nos Estados Unidos .	22,0	35,2	27,4	6,2
Na Alemanha	28,8	40,6	16,4	3,9

Vemos, pois, que enquanto nos Estados Unidos um quinto dos homens ativos na produção eram ocupados na agricultura, na Inglaterra o era só uma 16.ª parte. Os homens ligados ao serviço da classe dominante (domésticos, cozinheiros, cavalariços, pessoas destinadas ao cuidado dos cães, etc.) eram mais numerosas do que as ocupadas na agricultura. O quadro é ainda mais característico se o consideramos em relação às mulheres trabalhadoras: somente 1 % das mulheres era ocupado na agricultura e 21,4 % trabalhavam na qualidade de domésticas, etc. Estas cifras são uma viva ilustração da vida faustosa das classes dominantes, que exploram, de uma forma ou de outra, todo o mundo, são uma viva ilustração do caráter parasitário do imperialismo inglês.

Esta estrutura econômica, pela qual quatro quintos de todos os gêneros alimentícios e quase tôdas as matérias primas (exceto o carvão) são importados do exterior, era baseada sôbre a absoluta capacidade de concorrência da indústria inglesa no mercado mundial, sôbre o afluxo do exterior de enormes entradas em troca das quais o país não era obrigado a pagar imediatamente com a exportação de mercadorias: eram os lucros dos capitais invertidos no exterior, os super-lucros coloniais, os lucros do funcionamento do comércio mundial, dos seguros, da navegação.

A segunda guerra mundial abalou sensivelmente estas bases, que já antes começavam a debilitar-se. Por iso, o velho sistema econômico da Inglaterra está atravessando uma crise crônica.

Já antes da guerra, a indústria inglesa tinna se fatigado muito em sustentar a concorrência da América e da Alemanha. Em seguida à guerra, a sua capacidade de concorrência diminuiu mais ainda. Antes mesmo da primeira guerra mundial, a maquinaria da indústria inglesa e, em particular da indústria metalúrgica era por muitos aspectos notàvelmente atrasado com relação ao da indústria americana. Durante a guerra essa maquinaria não foi renovada, desgastou-se e envelheceu ainda mais (com exclusão da indústria bélica). Ora, êste atraso torna-se geral, se se prescinde de algum «novo» ramo da indústria. Em consequência, a produtividade do trabalho baixou. E enquanto nos Estados Unidos a indústria, durante a guerra se desenvolveu aproximadamente em 20 %, na Inglaterra ela não supera em geral, o nível de antes da guerra e, em certos ramos, desceu mesmo com relação ao período de pré-guerra. O melhor exemplo é oferecido pela indústria do carvão. A produção anual do carvão mercantil (à parte o consumo das minas) era, em toneladas, para cada operário, de 302 em 1938, 299 em 1940, 287 em 1942, 275 em 1943, 259 em 1944, 245 em 1945.

Esta queda ininterrupta da produtividade do trabalho na indústria do carvão, causada pelo desgaste dos aparelhamento, pela insuficiência de quadros jovens e qualificados, conduziu, como é sabido, a uma aguda crise de carvão na Inglaterra, país que antes da guerra ocupava o primeiro lugar no mundo entre os Estados exportadores de carvão. A produção de carvão, em 1946, não póde sequer cobrir tôdas as necessidades de produção da Inglaterra.

A produtividade notàvelmente mais baixa, em comparação à da América, leva a um aumento dos custos e torna mais difícil a exportação dos produtos industriais, sôbre os quais sobretudo se baseava a tradicional estrutura econômica da Inglaterra. Além de outras condições, a indústria inglesa, excluindo certos ramos como a navegação, a indústria do rádio, a produção dos tecidos de lã, não está mais à altura de sustentar a concorrência americana.

Na aparência, isto está em contradição com o fato de que, após o fim da guerra, a exportação inglesa, por um certo período, chegou mesmo a superar o nível de antes da guerra. Segundo os dados do Ministério do Comércio, a exportação, considerando igual a 100 o nível da exportação de 1938 (preços de 1938) foi, em junho de 1946 (nível máximo) 120, em dezembro de 1946, 103, em janeiro de 1947, 112 e em fevereiro de 1947, 93.

Mas aí têm uma influência decisiva o fato de que em tôda a exportação inglêsa concorre em paridade de condições com a americana. Como é sabido, a exportação inglêsa dos produtos da indústria goza, nos países do império britanico, do privilegio das chamadas tarifas preferenciais. Em 1945, ao império coube 54% da exportação inglêsa e em 1946 cerca de 60%. Num primeiro movimento, foi satisfeita assim a necessidade de importação dos domínios inglêses não coberta nos anos de guerra. A ocasião de cobrir esta necessidade de produtos permitiu aumentar temporariamente a exportação inglêsa.

Todavia, o nível da exportação de 1938 seria agora absolutamente insuficiente para assegurar à Inglaterra a importação dos gêneros alimentícios e das materias primas, necessárias.

Como havíamos dito, antes da guerra a Inglaterra não pagava com mercadorias uma parte importante das suas importações. A balança de pagamentos da Inglaterra nos anos de 1938 e 1946 é a seguinte, segundo os dados do Livro Branco oficial de 1947 "Econômico Sundwy":

	Em milhões de esterlinos 1938	1946
Importação	896	1.100
Despezas do govêrno no exterior	18	300
Total das saídas	839	1.400
Exportação (compreendida a re-exportação)	528	900
Entradas dos capitais invertidos no exterior	176	40
Outras fontes	71	10
Total das entradas	769	950
Deficit da balança de pagamentos	70	450

Desde 1938, quando recebia ainda do exterior 236 milhões de esterlinos de entrada sem contar as entradas através da exportação comercial, a Inglaterra era obrigada a gastar 70 milhões de esterlinos tirados dos capitais que possuia no exterior para cobrir o deficit da balança de pagamentos. Desde então, a sua tradicional estrutura econômica sofrera um golpe. Em 1946, o decifit da balança de pagamentos era de 450 milhões de esterlinos, cerca da metade do valôr da mercadorias exportadas. Destes 450 milhões, 300 milhões representam as despesas da Inglaterra no exterior para manter os seus exércitos na Grécia, na Palestina e em outros países. O govêrno inglês tem intenção de reduzir estas despezas em 1947 a 175 milhões de esterlinos, mas ainda assim ficará em deficit de cerca de 800 milhões. Para cobrir a balança

(Conclui na 6.ª pág.)

AS CONFERENCIAS INTER-AMERICANAS

N. da R. — Em recente entrevista a um periódico do Chile, Luiz Carlos Prestes expôs os pontos de vista dos comunistas sôbre as Conferências Inter-americanas, com as seguintes palavras:

E' sempre útil reunir os representantes dos governos de nossos países, por mais infames e tenebrosas que possam ser as intenções originárias de tais convocações. O Departamento de Estado vem adiando há mais de um ano, a reunião de chanceleres no Rio de Janeiro, porque teme, que uma só voz discordante, seja capaz de desmascarar seus planos sinistros de exploração monopolista e impiedosa de nossos povos. Estamos seguros de que mesmo agora, após tão longa preparação, a reunião dos chanceleres poderá ser de grande utilidade para nossos povos, porque um ou dois governos, ainda não de todo submissos ao imperialismo norte-americano, serão suficientes para desmascarar o conteúdo colonizador e opressor do Plano Truman e alertar a todos os nossos povos, que ficarão assim melhor armados para lutar contra seus governos vendidos aos banqueiros de Wall Street. A Conferência servirá ainda para revelar o quanto são idênticos os interêsses de nossos povos da América Latina na luta pelo progresso e contra a exploração imperialista.

Os povos sul-americanos só se poderão unir em bloco depois que conquistarem sua independência econômica, depois que deixarem de ser povos semi-coloniais. O pan-americanismo não tem sido até agora senão a extensão cada vez mais cínica e prejudicial aos povos latino-americanos da doutrina Monroe, interpretada ao saber dos banqueiros americanos, que

(Conclui na 6.ª pág.)

1 — *HISTÓRIA DO "PAN-AMERICANISMO" — 1823 — O presidente Monroe lança a sua fórmula — "A AMÉRICA PARA OS AMERICANOS", que se transformaria em — "A América para os americanos... do Norte".*

2 — *O herói da independência dos povos da chamada América espanhola, Bolivar, no Congresso do Panamá, em 1826, se bate pela independência de Cuba. Os Estados Uunidos se opõem.*

3 — *Na segunda metade do século 19, num banquete ao general Grant, um diplomata ianque fala mais claramente ainda: "A AMÉRICA DO SUL E' UM PRESUNTO QUE SERÁ COMIDO NÓS".*

4 *Os Estados Unidos invadem o México e lhe arrebatam o Téxas, Novo México e Califórnia. Era a "Doutrina de Monroe" em ação. Outras agressões viriam mais tarde contra os fracos povos do sul.*

5 — *Em 1898, os Estados Unidos investem contra os restos do império colônial da Espanha e fazem de Cuba, de Porto Rico, e outras regiões das Antilhas, colônias norte-americanas.*

6 — *Em 1910, os EE. UU. forçam a separação do Panamá da República da Colômbia e iniciam no istmo a construção do Canal de Panamá, sob contrôle absoluto das forças navais norte americanas.*

7 — *Sob pretexto de "perigo europêu", os Estados Unidos se declaram credores da Venezuela, cobram-lhe dividas a países da Europa e terminam monopolisando as suas imensas jazidas de petróleo.*

8 — *Sòmente durante o govêrno de Franklin D. Roosevelt inaugura-se a politica de "boa vizinhança", que alivia a tremenda pressão dos trustes norte-americanos e morre com o próprio Roosevelt.*

9— *Há muitos anos que o Brasil conhece na própria carne a exploração imperialista. A "concessão Ford", na Amazônia, dando uma ilusão de progresso, era apenas mais uma garra dos trustes em nosso território.*

10—*Os imperialistas tratam hoje, com o "Plano Truman", de colônizar completamente o nosso país. Não têm outro objetivo na Conferência de Petrópolis. O plano Truman ameaça a nossa independência.*

O POVO REPELIRÁ UM ANTE-PROJETO QUE VISE ENTREGAR O NOSSO PETRÓLEO AOS IANQUES

PREPARA-SE A OPINIAO PÚBLICA PARA A TRAIÇAO AOS INTERESSES NACIONAIS — APROXIMA-SE DE SUA FASE CULMINANTE A BATALHA PELA POSSE DAS NOSSAS JAZIDAS PETROLÍFERAS — A IMPRENSA «SADIA» DA' A SUA COLABORAÇAO E O PRESIDENTE DO CONSELHO DE PETRÓLEO CONCEDE UMA ENTREVISTA

E' sintomático o silêncio com que a maioria da imprensa recebeu as conferências do general Horta Barbosa, enquanto os jornais «sadios» que as comentaram, como «O Globo», trataram de aproveitar a oportunidade para prestar seu serviço aos trustes ianques e seus agentes. O editorial da edição final dêsse vespertino, a 12 do corrente, é a repetição monótona de tudo o que têm dito os derrotistas do nosso petróleo e do que dizem hoje os que advogam a sua entrega aos monopólios americanos. Considera «jacobinistas» a posição assumida pelo general Horta Barbosa, para opinar que a solução «patriótica» é a apontada pelo general Juarez Távora, isto é, a entrega das jazidas à exploração da Standard.

Previamos, de há muito, essa posição da "imprensa sadia", que, embora desmascarada pela "Tribuna Popular", há mais de um mês, ainda assim possui suficiente reserva de cinismo para vir, como "O Globo", dizer que devemos "abdicar em benefício das demais" nações de "algumas parcelas" dos nossos direitos. Na verdade, não se trata das "demais" nações, nem mesmo dos Estados Unidos, mas dos trustes ianques. Para favorecê-los, os grupos de que "O Globo" e outros órgãos vendidos são porta-vozes condenam o que consideram "egoísmo nacional", e que é, nem mais nem menos, que a defesa da nossa riqueza petrolífera.

"O Globo" acha que o general Távora "parece haver colocado a questão nos seus verdadeiros termos, nos termos mais concordes com o patriotismo esclarecido".

E' realmente na discussão de problemas, é na prática e não em palavras, que se verifica onde estão os verdadeiros patriotas. No caso do petróleo, um caso concreto, será patriota quem, como os comunistas e todos os democratas honestos, defende o seu contrôle pelo Estado, ou quem, a exemplo de jornais reconhecidos venais ou de jornalistas comprometidos com agentes conhecidos do imperialismo ianque, se bate pela sua entrega aos americanos?

Não há dúvida que as grandes massas do nosso povo vão se esclarecendo dia a dia com o debate de problemas como o do petróleo, e, na base desse debate, saberão distinguir os patriotas verdadeiros dos falsos patriotas.

O "PROGRESSO" DO SR. LACERDA

No mesmo dia em que o "Globo" publicava seu editorial de primeira página dedicado ao petróleo, aparecia no "Correio da Manhã" um artigo do sr. Carlos Lacerda sôbre o mesmo assunto. O sr. Carlos Lacerda já está suficientemente identificado como "entreguista" do nosso petróleo aos trustes. Não perde mais tempo defendendo essa sua tése. Faz apenas o resumo de um manuscrito sôbre petróleo e aproveita a oportunidade para atacar o general Horta pelas suas conferências contrárias à entrega das nossas jazidas aos americanos. O sr. C. Lacerda acha que com isso o general Horta está procurando apenas "brilhar e ganhar palmas". Mas devemos convir que isto significa, quando o inimigos da tése do general Horta Barbosa ganhem muito mais do que simples palmas para advogar a posse do nosso petróleo pelos imperialismo ianques.

O sr. C. Lacerda escreve:

"E' preciso reconhecer que o petróleo é indispensável ao progresso do Brasil; que sem progredir o Brasil perecerá..." Mas a única solução que encontra para isso é chamar a Standard Oil e entregar-lhe os terrenos petrolíferos. Diz tudo isso refutando a tése contrária defendida pelo general Horta Barbosa em suas conferências e apoiada por todos os verdadeiros patriotas. E esquece que não só o general Horta, mas quem quer que conheça rudimentos da história mundial do petróleo sabe que o povo da Venezuela vive na mais negra miséria. Entretanto, há quase meio século que os capitais americanos foram "ajudar" o povo venezuelano. Sabe que os países do Oriente Médio estão entre os maiores produtores do mundo e possuem mais de 40% das reservas mundiais conhecidas até 1946. Entretanto, como teve ocasião de observar Wandell Willkie, os habitantes de Teerã bebem água dos esgotos da cidade. Há muitos decênios que inglêses, franceses e depois americanos se encontram na posse absoluta do petróleo do Oriente Médio, e se houve alguma mudança para o povo do Irã ou do Iraque, foi para pior. Vivem submetidos a govêrnos despóticos, verdadeiros títeres dos monopólios internacionais. A riqueza petrolífera do Chaco bastaria por si só dar independência econômica aos povos da Bolívia e do Paraguai. Entretanto, esses povos se encontram entre os mais explorados e miseráveis do Continente, depois de terem se guerreado para a Standard e a Shell decidiram a posse do Chaco.

O povo brasileiro não quer "progredir" sob a tutela da Standard ou da Shell. E por isso repudia as têses "entreguistas", quaisquer que sejam as suas nuances. O nosso povo reconhece que só existem dois caminhos: entregar as jazidas aos trustes (sua "participação" também significa, na prática, a entrega) ou explorá-las o próprio Estado.

E não são sòmente os comunistas que pensam assim. Na própria imprensa burguêsa encontramos opiniões como esta do sr. Rafael Correia de Oliveira: "Assim, o que está em debate não é de nosso petróleo ao futuro esfôrço de guerra americano. Discute-se coisa muito diferente: dar ou não o contrôle desse petróleo à Standar Oil. Essa história de transporte, beneficiamento e distribuição por nossa conta é simples poeira nos olhos de uma parte contratante ingênua". (*"Diário de Notícias"*, 12-8-47.)

UMA DECLARAÇÃO OFICIAL

Os debates do dia 12 sôbre o petróleo, atráves da imprensa, não ficariam completo sem uma autorisada opinião oficial: a do Presidente do Conselho Nacional do Petróleo, general João Carlos Barreto. S. S. revela na sua entrevista ao *"Diário de Notícias"* estar de acôrdo com os pontos de vista do sr. Juarez Távora e contra os do sr. Horta Barbosa. *"Entendo que o nacionalismo radical não é a melhor solução para o problema do petróleo"*, afirma o sr. Carlos Barreto, para acrescentar em seguida: *"De um modo geral, é princípio salutar econômico a competição, não só para a melhoria do produto, como para a baixa de preços"*.

O presidente do CNP não esclarece o que entende por "nacionalismo radical". Mas parece tratar-se da defesa do nosso petróleo contra o assalto dos trustes, pois S. S. logo adiante se manifesta contra as soluções apresentadas pelo general Horta Barbosa.

Também não esclarece o sr. Barreto a que "competição" se refere quando advoga a presença de "capitais estrangeiros" na nossa exploração de petróleo. Ora, o sr. Carlos Barreto não é ingênuo para acreditar que esses capitais não sejam os das grandes empresas imperialistas como a Standar', a não ser que o nosso govêrno fôsse buscar empréstado no exterior. Mas nesse caso, o próprio govêrno brasileiro é que deveria aplicar esses empréstimos e, então, teríamos o monopólio do Estado.

No entanto, pelas próprias palavras do general Barreto, essa possibilidade não deve estar na ordem do dia. E, neste caso, suas palavras podem ser interpretadas assim: não só a Standard terá participação nas explorações petrolíferas do Bra-

(Conclui na 2.ª pág.)

30.º ANIVERSÁRIO DO PARTIDO COMUNISTA DA SUÉCIA

O Partido Comunista da Suécia celebrou recentemente seu trigéssimo aniversário de fundação. O Partido Comunista da Suécia nasceu de uma cisão no seio do Partido Social-Democrático sueco, dirigido pelos direitistas. O PSD sueco, reunido em Congresso, em fevereiro de 1917, adotou uma resolução pela qual eram virtualmente excluídos do partido todos os social-democratas da ala esquerda. Estes convocaram então o seu Congresso e dêle saiu o Partido Social Democrata de Esquerda, composto, na sua quase totalidade, por socialistas marxistas. Em 1921 o partido mudava seu nome para Partido Comunista e em 1929 estava firmemente organizado.

O número de membros do Partido Comunista da Suécia cresceu 5 vezes desde o começo da guerra contra o nazi-fascismo, passando de 10.000 para 50.000.

Além de crescer constantemente, o Partido Comunista da Suécia exerce influência cada vez mais notável nas grandes massas operárias da Suécia. Concorrendo às eleições de 1940, obteve sua legenda 100 mil votos. Em 1942, conquista 170.000 votos. Em 1944, 318.000 votos. E finalmente, no último pleito realizado naquele país, os comunistas levavam às urnas 372 mil votos. Isto significa que em seis anos o número de votos conquistados pelos comunistas suecos representa um aumento de 272 por cento. Estas cifras têm maior importância quando sabemos que a população total da Suécia é de 6 milhões e 500 mil habitantes. O Partido Comunista da Suécia tem hoje 18 representantes no Parlamento, sendo 15 na Câmara de Deputados e 3 no Senado.

ENCAMPAÇÃO DO SERVIÇO DE ENERGIA DA LIGHT — INDICA A BANCADA COMUNISTA DE SÃO PAULO

Tanto o sr. Macedo Soares como o sr. Adhemar de Barros são responsáveis perante o povo — Soluções imediatas para o problema dos transportes

Deputado Catulo Branco

Depois dos recentes acontecimentos de São Paulo, quando bondes e ônibus da capital paulista foram destruídos pela população indignada ante o escandaloso aumento das tarifas, a bancada comunista da Assembléia Estadual discutiu detalhadamente o problema do transporte urbano, em São Paulo, fazendo o deputado Catulo Branco, um histórico dos contratos da Light, desde a sua fundação, e apresentando sugestões para sua solução.

Eis, em síntese, a exposição feita por aquêle deputado:

"Diante da farta documentação que existe sôbre o caso, não se pode pôr dúvida quanto à responsabilidade da Companhia Light pelo atual descalabro em que se encontra o serviço de transporte em bondes, de importância decisiva nos transportes coletivos da Capital".

Narra, em seguida, a formação da C.M.T.C. e indica os interêsses em jôgo. "Assim é que êsse serviço (de bondes), ainda em 1943, apresentava um saldo de 24 milhões, pois sua receita bruta era de 90 milhões de cruzeiros e sua despesa era de 66 milhões de cruzeiros. Daí por diante passou o saldo rapidamente a decrescer, reduzindo-se a apenas sete milhões de cruzeiros em 1945, transformando-se num "deficit" de 12 milhões de cruzeiros em 1946, com uma previsão de 15 milhões de cruzeiros de "deficit" para 1947. Examinando o quadro das despesas dêsses serviços, o que se verifica é um acenso enorme daqueles correspondentes a conservação do material. Assim, por exemplo, em reparos de oficinas em que se gastavam oito milhões de cruzeiros em 1942, gastaram-se 20 milhões em 1946, sem aumento do número de veículos, que estão positivamente no fim de sua vida útil. Também as despesas com a via permanente dobraram entre 1942 e 1946, o que bem demonstra que pouco se pode esperar dos velhos trilhos que aí estão em nossas ruas. Usando uma expressão que não é realmente parlamentar, mas o que a Prefeitura recebeu foi um verdadeiro "abacaxi".

Historia o deputado comunista o conjunto das concessões da Light, citando o Decreto 3.666, de 25 de junho de 1941, que declara em um dos seus tópicos: "Considerando que não é lícito a uma emprêsa detentora de várias concessões abandonar uma concessão por não ser lucrativa, conservando as outras".

"E, assim, só podemos concluir que, ao ser encampado o serviço de bondes, deficitário, deveria também ser encampado o serviço de suprimento de energia elétrica, porque êsse é lucrativo".

Mostra o meio de resolver a situação, aplicando para a encampação a avaliação pelo custo histórico, a exemplo do que é preconizado pelo "Código de Águas", e aplicação das cambiais brasileiras nos Estados Unidos e Canadá.

Termina o deputado Catulo Branco com as seguintes conclusões: "1.º — A situação econômica da C.M.T.C. é de "deficit" indiscutível. 2.º — Inteira responsabilidade cabe ao govêrno do sr. Macedo Soares por esta transação efetuada, aliás, de afogadilho. 3.º — O Govêrno Adhemar de Barros deveria ter trazido imediatamente êste grave problema ao pronunciamento desta Assembléia de representantes do povo. 4.º — A C.M.T.C. não tem possibilidade de cobrir o seu "deficit" com os rendimentos de outras concessões, como acontece no caso da Light. 5.º — O aumento de salários dos trabalhadores da C.M.T.C. não poderá, de forma alguma, ficar subordinado à situação deficitária da emprêsa, e sim, ser encarado à luz da inflação que está vitimando o nosso país. 6.º — Só resta ao Estado amparar a Companhia, cobrindo o "deficit" até a futura solução do problema. 7.º — A população que utiliza os bondes é exatamente a que maiores dificuldades vem atravessando no momento, não estando em situação de sofrer um novo encargo na sua economia. Reconhecendo, aliás, essa situação foi que muito acertadamente, esta Assem-

(Conclui na 2.ª pág.)

O GOVÊRNO "TRABALHISTA" DESCARREGA A CRISE SÔBRE A CLASSE OPERÁRIA

SEM DAR UM PASSO PARA A NACIONALIZAÇÃO DA INDÚSTRIA PESADA, ATLEE ANUNCIA NOVAS PRIVAÇÕES PARA O POVO

A Inglaterra se encontra com a sua situação econômica seriamente abalada, prenunciando a crise que se aproxima. Escrevendo antes da atual situação, em artigo que A CLASSE OPERARIA hoje publica, o economista soviético Eugenio Varga mostrou que é inevitável o colapso do tradicional sistema econômico da Grã-Bretanha. As previsões de Varga se confirmam, agora, plenamente.

Com as suas últimas retiradas, do empréstimo norte-americano de 3.750 milhões de dólares a Inglaterra só dispõe 850 milhões. Continuando o ritmo atual de retiradas, prevê-se que o empréstimo estará exgotado em outubro dêste ano. Na melhor das hipóteses, nos primeiros meses de 1948 terá sido gasto o último dólar, embora o objetivo fôsse utilizar o empréstimo durante um período de cinco anos. Interessante é observar que, tendo sido concedido em 1945, o crédito ianque, segundo o chanceler do Erário, perdeu 40 % do seu poder aquisitivo, em virtude da alta de preços nos Estados Unidos e da alta geral de preços no mercado internacional.

Segundo o primeiro-ministro Atlee, o «deficit» na balança comercial que, em 1946, foi de 450 milhões de libras, subirá em 1947, segundo as previsões, para 700 milhões. Enquanto isso, o total das reservas inglesas, incluindo os empréstimos dos Estados Unidos e do Canadá, é de 600 milhões de libras.

A Inglaterra, grande potência imperialista do século XIX, se encontra, nos nossos dias, em plena decadência, mantendo-se ainda à custa de alguns balões de oxigênio. A Inglaterra chegou, a um ponto em que a continuação da política imperialista, mesmo por alguns meses mais, significa prejuizos desastrosos para o povo inglês. Mas a realidade é que o govêrno «trabalhista» de Atlee-Bevin está realizando, virtualmente, na atual situação, a mesma política, que um govêrno conservador realizaria. A crítica de Churchill e dos seus seguidores teve objetivos quase exclusivamente eleitorais, arranhando muito superficialmente, o problema econômico. Embora critique essa ou aquela medida administrativa, a verdade é que Churchill, substancialmente, está de acôrdo com a orientação econômica de Atlee.

O cerne dessa orientação econômica é que ele visa descarregar o peso da crise sôbre os ombros da classe operária e das grandes massas da população. Atlee se propõe cortar drásticamente as importações de gêneros alimentícios, o que levará o povo inglês a um nível de vida muito mais baixo do que durante a guerra. Ao mesmo tempo, depois dos mineiros terem conquistado a semana de trabalho de cinco dias, Atlee se propõe congelar rigorosamente os salários e aumentar meia hora de trabalho em cada dia. Propõe-se o premier, também, fazer reduções no programa de construções de casas para trabalhadores. Reduzindo as importações e aumentando a produção, o govêrno «trabalhista» espera exportar em 1948, 40% a mais do que em 1938, conseguindo assim divisas para adquirir gêneros e equipamentos no estrangeiro.

O povo inglês poderia suportar calmamente todos êsses sacrifícios e outros ainda, se o premier Atlee tomasse aquelas medidas essenciais que, embora contrariando os monopólios britânicos, representariam medidas de salvação nacional. Os sacrifícios do povo inglês serão inúteis se a indústria siderúrgica não fôr nacionalizada e se o país continuar obrigado a sustentar um grande exército espalhado por numerosos países da Europa, Ásia e Africa.

O problema da nacionalização das usinas siderúrgicas vem provocando mesmo sérias divergências no seio do Partido Trabalhista. Noticiam os telegramas que o ministro da Saúde, sr. Aneurin Bevan, com o apôio de forte ala de deputados, se bate pela nacionalização, retirando assim ao contrôle dos monopolistas «tories» o instrumento principal, com que exploram o povo inglês e deliberadamente sabotam a reconstrução nacional, a fim de desprestigiar o govêrno «trabalhista» diante do eleitorado. Mas, do plano de Mr. Atlee, nada consta sôbre a nacionalização da indústria pesada britânica, medida lógica que se deveria seguir à nacionalização das minas de carvão. Eis porque pôde o sr. Oliver Stanley, ex-secretário das colônias, declarar que o partido conservador estava preparado «para nada fazer a fim de salvar o socialismo, mas tudo fazer a fim de salvar a Grã-Bretanha», isto é, salvar o imperialismo dos banqueiros da City, mesmo com um govêrno «trabalhista» à frente da nação.

São também os interêsses do imperialismo inglês que exigem a manutenção de grande quantidade de tropas, principalmente na Palestina e no Oriente Médio, onde se trata de salvaguardar o petróleo da Shell. Apesar das reduções anunciadas por Atlee, o Exército inglês, em março de 1948, ainda terá mais de 1.000.000 de homens, que o povo sustentará à custa de privações gravíssimas.

O imperialismo de John Bull, que hoje tanto Churchill como Bevin, apesar de certas diferenças, podem personificar, se encontra em decadência completa. A mesma Inglaterra que, antes da guerra, exportava, por ano, 40 milhões de toneladas de carvão, hoje quase não consegue produzir o suficiente para o seu consumo interno. Ao mesmo tempo, porém, a Polônia, que foi um dos países mais devastados pela guerra, já se encontra em condições de exportar, anualmente, trinta milhões de toneladas de carvão, que ajudarão a reerguer a Europa. E' que na Polônia existe um govêrno, que nacionalizou 70% da indústria e, de maneira pacífica, mas a passos largos, se encaminha em direção ao socialismo, enquanto na Grã-Bretanha um govêrno pseudo-trabalhista oscila cada vez mais entre a pressão das massas e os interêsses dos trustes, procurando deter a marcha para o socialismo.

MAIS DE MEIO SÉCULO DE "PAN-AMERICANISMO"..

(Conclusão da 8.ª pág.)

dente a nova República do Panamá» (4).

Nessa mesma época (1902), os Estados Unidos advertiam a Inglaterra, a Alemanha e a Itália, que com navios de guerra intimidavam a Venezuela, cobrando-lhe dividas, de que deviam manter-se fora do Continente americano. E logo depois os mesmos Estados Unidos, intervinham no México, «para suprimir desordens». E' que na Venezuela, como no México os trustes americanos já haviam penetrado profundamente, sobretudo nas jazidas de petróleo.

Nicaragua, Haiti, Porto Rico, Cuba, as Ilhas Virgens, eram objeto de carinhosa «proteção» ianque, com ou sem conferências pan-americanas. A de 1906, no Rio, e a de 1910, em Buenos Aires, nenhum resultado prático trouxeram aos povos da América Latina. Não faltavam os pretextos, fora das conferências, para que a intervenção ianque se verificasse, desde que isso interessasse aos seus homens de negócios. Vejamos as justificativas oficiais de algumas delas, segundo historiadores ianques (5):

Panamá — «Os Estados Unidos mandaram fôrças navais para «observar» a marcha dos acontecimentos». Proclamada a sua «independência», os EE. UU. a reconheciam no mesmo dia.

Cuba — «Os negócios públicos se complicaram de tal modo que a ordem não póde mais ser mantida». «Diante disso, o Presidente Roosevelt enviou tropas americanas...» «A ilha estava muito próxima do Canal...»

São Domingos — «Devia mais do que podia pagar. Theodore Roosevelt chegou à conclusão de que o único meio de evitar a intervenção européia era intervir quanto antes».

Venezuela — «O go.⁻ no americano se encarregou de cobrar à Venezuela as dividas aos países europeus».

Nicaragua — «Surgiram perturbações na Nicaragua. Navios de guerra americanos foram para ali enviados e desembarcaram fuzileiros navais para proteger as vidas e propriedades americanas»

México — «As desordens do México preocuparam muito os Estados Unidos».

«...Wilson mandou divisões do exército regular e da Guarda Nacional para a fronteira e deu ordens ao general John J. Pershing para perseguir Villa e, se possivel prendê-lo».

«Em obediência a essa ordem, as tropas americanas penetraram mais de cem milhas em território mexicano».

A verdade é que nêsse tempo o petróleo do México era um grande foco de disputas internacionais. E as tropas americanas ficaram «mantendo a ordem» no México durante vários meses, até que os Estados Unidos garantiram seus interêsses ali e foram chamados a participar diretamente da guerra imperialista que se travava na Europa. Mas, para avaliar-se bem quanto as opiniões individuais de um governante podem ser fácilmente vencidas pela dos grupos econômicos que o sustentam, basta lembrar essas palavras de Wilson, no mesmo ano em que fazia a intervenção (1916):

«Se fôssemos intervir no México, avivariamos, sem nenhuma dúvida, as mais graves suspeitas de tôdas as Nações da América. Por intervenção, quero dizer o uso da fôrça dos Estados Unidos para estabelecer ali a ordem sem convite do México e para determinar a natureza e o método de suas instituições politicas». (6).

TUDO «MADE IN USA»

Tudo isso ocorreu nos dois primeiros decênios do século 20. Haviam se realizado quatro Conferências entre 1889 e 1910. Entretanto, elas não impediram essas agressões, as intervenções armadas ou «diplomáticas», com que os trustes americanos iam começando a implantar sua dominação econômica nos diversos países latino-americanos. Ao contrário, para os imperialistas ianques, as Conferências serviam para aplainar o caminho para suas conquistas de mercados, fontes de matérias primas ou inversões de capitais.

E não há dúvida de que nêsse sentido têm sido quase sempre de grande utilidade. As Conferências serviram principalmente para efetivar a supermacia norte-americana sôbre a de qualquer outra potência no Hemisfério Ocidental. O transcorrer dos anos foi aprofundando e alicerçando a penetração econômica dos Estados Unidos sôbre as demais Nações do Continente. O sr. J. F. Normano, absolutamente insuspeito no caso, entusiasta do imperialismo norte-americano, escreve que o Pan-americanismo sé significado de uma pressão econômica, sob a liderança dos Estados Unidos». E procura justificá-lo: «...proveio das necessidades do nascimento industrial dos Estados Unidos».

E' com incontivel entusiasmo que êsse autor constata:

«Presentemente, os investigadores dos Estados Unidos nas indústrias da América do Sul são os maiores gigantes da indústria mundial». «Em tôda parte do Continente, os habitantes guiam automóveis da General Motors e Ford. Êles dependem da Companhia Standard Oil para gasolina e óleo. Telefonam e telegrafam por meio da International Telephone and Telegraph Company and The Radio Corporation of America. Viajam nos carros da American Foreign Light and Power Corporations e da Electric Bond and Share Corporation e queimam luz e fôrça motriz por estas companhias Nos ramos de construções, as companhias The American International Corporation and Ulen and Company estão bem entrincheiradas. Usa-se o cimento da International Ciment Corporation. A United States Steel Corporation está aqui bem representada. Em minérios, Anaconda Cooper e Guggenheim Brothers dominam juntamente com outras. Carne enlatada é controlada pela Swift and Company e Morris and Morris and Co. As plantações de banana são cultivadas na América do Sul com a mesma eficiência da América Central e Antilhas, pela United Fruit Company e Atlantic Fruit Company. Não há exportações de capitais dos Estados Unidos para a indústria da América do Sul que não representem uma extensão do negócio doméstico de companhias industriais dos Estados Unidos» (7).

OUTRAS CONFERÊNCIAS E NOVOS HORIZONTES

Entre 1910 e 1923 não se realizou nem uma Conferência inter-americana. A guerra imperialista de 14-18 servira para consolidar a preponderância do capital financeiro ianque na maior parte dos paises latino-americanos. As Conferências se tornavam desnecessárias para os senhores de Wall Street. Os investimentos ingleses ficavam quase paralisados, enquanto os ianques aumentavam de ano para ano. Entre 1913 e 1929, enquanto os capitais ingleses na América do Sul (principais paises) se elevava de 3 bilhões e 800 milhões de dólares para 4 bilhões e meio, os capitais ianques davam um salto de 173 milhões para 2 bilhões e 294 milhões. E nos últimos 20 anos êsse salto é verdadeiramente assombroso. Hoje, à exceção única da Argentina, os Estados Unidos dominam de forma absoluta as fontes de investimentos de capitais financeiros na América Latina.

Não há negar que as Conferências Inter-americanas posteriores à guerra imperialista de 14-18 exerceram considerável influência para assegurar a supremacia ianque. No fim da guerra, notavam os publicistas ianques que «devido ao trabalho da União Pan-americana, está crescendo em escala rápida o comércio dos Estados Unidos com a América Latina». E isto era apenas um sintoma. As Conferências nada beneficiaram os povos latino-americanos. Suas resoluções, geralmente as mais convenientes aos interêsses dos monopólios ianques, eram relegadas ao esquecimento. Assim aconteceu com a 5.ª Conferência, de Santiago do Chile, em 1923, e a 6.ª, de Havana, em 1928. Ficaram nas generalidades referentes a intercâmbio e cooperação intelectual, além de algumas normas de convivência entre os povos do Continente. Entretanto, quando a Standard e a Shell faziam a guerra entre a Bolivia e o Paraguai pelo petróleo do Chaco, essas normas eram esquecidas e as armas americanas e inglesas, derramando o sangue dos paraguaios e bolivianos passavam sôbre o pan-americanismo e decidiam a questão.

Os povos latino-americanos foram se convencendo na prática da inutilidade das Conferências, de sua ficção, enquanto não conquistassem sua completa independência econômica, fundamento de sua independência politica. Cuba, Nicaragua, São Domingos conquistaram sua independência nacional. Mas na prática, como todos os demais povos semi-coloniais do Continente, continuavam a sofrer o guante do imperialismo ianque. Na própria Cuba temos um exemplo de hoje: a exportação de açúcar, uma das bases de sua economia, está seriamente ameaçada por uma torpe pressão imperialista, a ponto de seu delegado à Conferência de Petrópolis estar disposto a propor sanções não somente contra as intervenções armadas, mas também contra as intervenções econômicas.

No govêrno Cárdenas, o México expropriou as companhias petroliferas estrangeiras, inglesas, francesas ou americanas. E, por ser Cárdenas um governante apoiado nas grandes massas do povo mexicano, não houve intervenção imperialista, rompimento de relações diplomáticas, pressões econômicas, sanções que fôssem capazes de fazer o México voltar atrás.

A Argentina nacionalizou a exploração de seu petróleo, sua refinação e distribuição, e hoje as companhias petroliferas imperialistas têm uma participação diminuta nessa fonte de riqueza do país. A consciência anti-imperialista do povo argentino exigiu isso de seus povernos e fez prevalecer sua vontade. A Argentina está a caminho de sua emancipação econômica, embora o decadente imperialismo inglês ainda conserve posições importantes ali.

Enfim, a maioria dos povos latino-americanos aspira cada vez mais ardentemente pela sua completa libertação de qualquer dominação estrangeira. Lutam todos pelo progresso, pelo bem-estar geral, tendo à frente o imenso batalhão dos que mais sofrem a exploração do capital financeiro: os trabalhadores, os operários e camponeses sem terra.

O Brasil se encontra hoje na vanguarda dessa luta. Milhões de homens, mulheres, jovens e crianças, em condições de vida quase inigualáveis em todo o mundo, estão a exigir trabalho, melhores salários, reforma agrária que venha pôr fim à miserável situação em que vivem as massas do campo, os operários, a maioria do nosso povo. Estão a exigir habitação, saúde, instrução. E começam a compreender que nada disso é possivel enquanto prevalecerem as atuais condições semi-feudais de economia agricola, enquanto o imperialismo norte-americano mantiver posições fundamentais na economia em geral no nosso país.

Meio século de «Pan-americanismo» nada resolveu dos mais prementes problemas comuns aos povos da América Latina. Por isso, êsses povos lutam hoje, antes de tudo, por tornarem possivel a sua libertação das condições semi-coloniais em que ainda vivem. A guerra contra o nazismo ensinou a êsses povos a lutar contra quaisquer outras formas de opressão, ainda que sua fonte seja a mais adiantada democracia capitalista, como é o caso do imperialismo ianque.

Eis porque não devemos temer que a Conferência inter-americana que se reune agora em nosso país signifique fatalmente a aprovação do «Plano Truman» ou qualquer sucedâneo. Porque, como afirmou Prestes recentemente: «A Conferência servirá ainda para revelar o quanto são idênticos os interêsses de nossos povos da América Latina na luta pelo progresso e contra a exploração imperialista».

—x—

(1) — Segundo Firmin Roz — «História dos Estados Unidos».
(2) — J. F. Normano — «A Luta pela América do Sul».
(3) — Theodore Roosevelt, avô de Franklin D. Roosevelt.
(4) — Roy Nichols e outros — «Os Estados Unidos Unidos de ontem e de hoje».
(5) — Idem, idem.
(6) — «La Verdad sôbre la expropriación de los bienes de las empresas petroleras» — Gobierno de Mexico, Mexico D. F., 1940.
(7) — J. F. Normano — Obra citada.

A QUESTÃO DO RUHR...

(Conclusão da 3.ª pág.)

pria França. Eis porque Bidault, depois de ter apoiado o "Plano Marshall", mostrou-se logo em seguida, desfavorável à idéia central dêsse plano, que é, precisamente, o reerguimento da indústria pesada alemã.

Com as suas dubiedades, as suas marchas e contra-marchas, a politica de Bidault tem prejudicado o interêsse nacional da França, que deveria estreitar a sua amizade com a U.R.S.S., apoiando-a na sua justa insistência pelo cumprimento das cláusulas do Tratado de Potsdam, que prevêem a internacionalização do Ruhr, até que desapareça o "perigo de renascimento do militarismo germânico." A bacia do Ruhr, sob o contrôle das Nações Unidas, afastaria as ambições dos abutres nazistas e voltaria, gradualmente, a produzir carvão e aço, a fim de ajudar a reconstrução das nações européias e de uma Alemanha democrática.

As resoluções da atual conferência de Washington deverão ser submetidas à próxima reunião dos Quatro Grandes, em Londres, e isso faz prever novos acontecimentos em tôrno do problema.

ENCAMPAÇÃO...

(Conclusão da 5.ª pág.)

bléia interveio no sentido de serem sustadas as novas tarifas. 8.ª — Só nos resta, portanto, como saida para o presente dilema, propôr a esta Assembléia, como única solução a êste problema, o estudo da possibilidade de encampação imediata de todos os serviços públicos explorados sob concessão pela "The São Paulo Light" ou pela "Brazilian Traction".

Tratando do mesmo assunto, o deputado comunista Milton Caires indicou que o mais urgente a fazer é tomar medidas práticas para que não falte transporte aos que trabalham.

Sugeriu ao govêrno suspender imediatamente todo e qualquer aumento das passagens nos transportes.

O deputado Mantílio Muraro protesta contra as prisões decorrentes dos acontecimentos de que resultou a destruição de veiculos, denunciando as violências de que muitas dessas prisões se revestiram.

VOCÊ LEU ?

(Conclusão da 4.ª pág.)

aspiram a exploração monopolista da América. Só uma coisa pode realmente hoje unir aos nossos povos latino-americanos — é a luta contra o imperialismo, a luta contra o Plano Truman e unificação militar do Continente sob o contrôle do Departamento de Estado e dos generais ianques, porque só assim lutaremos pela paz e pelo progresso e independência de nossas pátrias. Na medida em que os governos dos nossos paises representem realmente os interesses de seus povos sentirão inevitàvelmente necessidade de se unir para a luta contra os exploradores de Wall Street. Êsse o único bloco possível, útil e necessário.

Já está claro que a morte de Roosevelt assinalada uma viragem na politica do Govêrno dos Estados Unidos no mundo inteiro e particularmente na América Latina com o abandono progressivo da denominada boa vizinhança que vai sendo substituida pela politica já não mais do dólar sòmente como pela da ocupação militar e da chantage com a bomba atômica e guerra com a U.R.S.S.. Essa politica vem sendo desmascarada na América principalmente pelo Partido Comunista do Brasil que cresceu em dois anos de maneira a transformar-se no maior partido comunista da América e se revelou o mais esclarecido e consequente lutador contra o imperialismo. O que fizemos com o escandaloso Livro Azul, reduzindo-o em poucos dias a um trapo sem valor, não podia deixar de alarmar a Mr. Truman e ao Departamento de Estado que se viram também obrigados pelo P.C.B. a abandonar as bases militares construidas no Brasil que pretendiam ocupar por todo sempre e voltam agora a reclamar. As grandes vitórias eleitorais do P.C.B. nas eleições de 19 de janeiro último precipitaram, sem dúvida os acontecimentos e determinaram as medidas agora postas em prática contra os comunistas por ordem evidente dos homens do Departamento de Estado.

A Situação Econômica Da...

(Conclusão da 1.ª pág.)

de pagamentos, a Inglaterra deveria aumentar a exportação das mercadorias de 300 milhões de esterlinos com relação a 1946. Mas para os produtos de exportação a Inglaterra deve adquirir matérias primas estrangeiras: cobre, niquel, zinco, lã, algodão, etc., para cuja aquisição são necessários meios de pagamento no exterior, de maneira que o custo da exportação deve ser elevado eb 75% com relação a 1938. Na verdade, é um problema que não têm solução.

O govêrno inglês estava, recebendo dos Estados Unidos um empréstimo de 3.750 milhões de dolares, cobrir o deficit de sua balança de pagamentos dentro de cinco anos. Contava também comprar, com os meios fornecidos pelos empréstimos, máquinas, americanas para renovar a própria indústria, elevava a acumulação de capital reduzindo as necessidades internas e, renovando gradativamente a maquinário da indústria, equilibrar a balança de pagamentos sôbre a base da estrutura tradicional da econômia inglêsa.

Todavia, é já claro que este plano não poderá ser realizado. Do empréstimo americano que deveria servir como fundamental recurso para cobrir o deficie da balança comercial no espaço de cinco anos, foram gastos, em oito mêses, 1.100 milhões de dolares isto é, cerca de um terço.

Isto se explica não somente com o fato de que a balança comercial inglêsa esteja completamente passiva. A balança comercial inglêsa é particularmente passiva com os paises, nos quais as mercadorias se pagam em dolares. O jornal inglês "Statist" escreve no número de 8 de março de 1947.

"Em 1946, fizemos 35,1% da nossa importação, contra .... 22,3% de antes da guerra, nas zonas onde domina o dolar e ali introduzimos apenas 7,6% da nossa exportação (contra .. 10,1% de antes da guerra). Eis porque gastamos tão rapidamente os nossos empréstimos em dolares".

A situação é ainda pior porque até agora a Inglaterra não comprou na América máquinas, como se havia pensado anteriormente, mas objetos de consumo, como trigo, carne, fumo. Uma vez que os estabelecimentos inglêses que produzem máquinas trabalham antes de tudo para a exportação, a maquinaria da indústria inglêsa hoje, dois anos após o termino da guerra, não foi em nada melhorada com relação a de antes da guerra. Quasi nada foi realizado para liquidar as consequências do extraordinário desgaste sofrido por êste aparelhamento durante a guerra. No livro Branco oficial, afirma-se (pág. 13):

"O renovamento da maquinaria desgastada... emprendido em .. 1946... foi verosimilmente igual ao normal dos anos que precederam a guerra. Mas deste modo, não é absolutamente possivel liquidar o atrazo que se verificou em consequêcia do fato de que, por seis anos, se interrompem a obra de renovamento".

Em 1947 o govêrno se propõe utilizar 20% da produção para conservar e ampliar o aparelhamento da produção, contra 16,5% de antes da guerra. Também para este ano não se prevê, pois, um renovamento sôbre vastas bases.

A burguêsia inglêsa tenta de novo consolidar também a outra base da velha estrutura econômica da Inglaterra, isto é, as entradas provenientes de outros países. Os estaleiros navais trabalham febrilmente afim de construir novos navios para as sociedades de navegação inglêsas. Os bancos inglêses no exterior renovaram o seu trabalho. Começou uma exportação, modesta em verdade, de capitais para o exterior. Todavia, em todos os países do mundo e em todas as regiões, a Inglaterra se encontra com um concorrente mais forte com os Estados Unidos da América.

No entanto, a crise do sistema econômico inglês golpeia antes de tudo os operários. Até agora, parmanece em vigor a regulamentação dos gêneros alimenticios, do vestiário, dos calçados. A julgar pelo Livro Branco de que temos falado, para os gêneros de consumo se gastou na Inglaterra cerca de 10% menos do que antes da guerra. Por outra parte, as despezas militares devoraram 11% das entradas nacionais, contra 7% em 1938 e contra uma percentagem ainda menor nos anos precedentes. De tal maneira, não abstante os sacrificios que a população trabalhadora é obrigada a suportar, não se conseguiu, senão em medida insignificante, reparar as perdas causadas pela guerra à riqueza nacional do país.

A velha estrutura econômica da Inglaterra está atravessando uma crise, que não apresenta solução. Nas condições que se criaram após a guerra mundial, não ha mais possilidade de restaurar à economia da Inglaterra sôbre a velha base. A Inglaterra é obrigada a criar uma nova estrutura, na qual a agricultura tenha o mesmo pêso específico, que têm na Alemanha ou nos Estados Unidos. A Inglaterra não têm mais a possibilidade de manter o atual estado de coisas, por culpa do qual milhões de hectares não são cultivados e servem para a caça ou são divididos em parques privados, etc. Não há mais a possibilidade de continuar permitindo a existência de numerosissimo dominios aristocráticos com centenas de servos e com o luxo tradicional das classes dominantes inglêsas, criadas da sua base econômica desde quando a Inglaterra perdeu ás suas velhas posições de senhora da indústria do mundo, de banqueiro mundial, de comerciante mundial e no momento em que até a sua possição de potencia colônial parece exposta a golpes sempre mais fortes.

Operários e...

(Conclusão da 4.ª pág.)

cisões relacionadas com as condições de trabalho. As mulheres não poderão trabalhar à noite, nem nas minas. O govêrno republicano fez um apêlo às organizações operárias e camponesas para que o ajudem no seu trabalho, apresentando sugestões capazes de contribuir para melhorar a situação social e a boa aplicação das leis sociais.

A S.O.B.S.I. e a Frente Camponesa (Barisan Tani Indonésia), que representam a maioria das massas operárias e camponesas da Indonésia, se acham estreitamente vinculadas à Frente Socialista Unificada de Organizações de Trabalhadores, de Camponeses e da Juventude.

Neste momento, quando o grande povo indonésio trava uma luta de vida ou morte pela sua independência e libertação das garras do imperialismo holandês, que, ajudado pelos imperialistas da Inglaterra e dos Estados Unidos, tenta escravizar indefinidamente a Indonésia, os trabalhadores ocupam um lugar de destaque na vanguarda dessa luta. E a sua unidade é o principal fator da vitória final do povo indonésio sôbre os abutres imperialistas.

O QUE VISAM É A...

(Conclusão da 2.ª pág.)

dia consciência mais nítida da necessidade da luta unida contra os exploradores estrangeiros. Acreditamos que os representantes do México, do Chile, da Venezuela para não citar outros, saibam realmente representar a alta consciência anti-imperialista de seus povos. Os povos latino-americanos muito esperam também dos representantes do Govêrno de Perón que vem lutando pelo desenvolvimento independente da economia Argentina.

— *E quanto à Delegação brasileira?*

— Na delegação brasileira, que infelizmente representa um govêrno reacionário e ditatorial, completamente divorciado da opinião pública, estão alguns homens, a começar pelo seu chefe, o Ministro Raul Fernandes, que muito poderão fazer contra as manobras guerreiras do imperialismo, apesar do sr. Góis Monteiro que defende agora um "patriotismo" de segunda ordem, em que a soberania brasileira e os interêsses do Brasil devem ser colocados em segundo plano, abaixo de um pretenso interêsse continental que na verdade significa interêsse dos Estados Unidos ou, melhor, dos grandes banqueiros norte-americanos.

— *Que pensa das alterações verificadas no programa da Conferência anteriormente anunciado, que inclui o debate sôbre assuntos militares?*

— Graças à vigilância popular, graças à campanha feita pelas fôrças democráticas em tôda a América Latina, com os comunistas à frente, foram transferidos para mais tarde os planos sinistros de Truman e Marshall de unificação militar do Continente, de submissão de nossas fôrças armadas ao contrôle e ao comando dos generais ianques. A Conferência de Petrópolis reduziu o seu temário ao estudo de alguns conceitos jurídicos mais ou menos inocentes e inócuos sôbre a agressão e a defesa mútua. Por trás disso, como já dissemos, se escondem, sem dúvida, as intenções reacionárias e agressivas do imperialismo, que poderão, no entanto, ser ainda desta vez batidas, se as fôrças democráticas do Continente se mantiverem vigilantes e forem capazes de mobilizar grandes massas na luta contra o imperialismo e em apoio daqueles delegados que na Conferência souberem assumir uma atitude corajosa e digna em defesa da Paz e da Democracia, da independência econômica e do progresso dos povos latino-americanos.

— *De onde julga partir a ameaça aos povos do Continente?*

— Nós os povos querem paz e segurança, mas sabem que nos dias de hoje a guerra e a insegurança só podem vir do grande centro da reação mundial que são os Estados Unidos de Truman e Marshall. Os povos latino-americanos sabe também que só pelo progresso, com o desenvolvimento da indústria nacional, com a liquidação do atraso, da miséria e da ignorância em que vegetam conseguirão, realmente, defender a integridade e a soberania da Pátria. Os povos latino-americanos já compreenderam, em suma, que necessitam, acima de tudo, de liberdade, de real e efetiva democracia política, porque só assim poderão ter os governos populares capazes de fazer as reformas econômicas indispensáveis ao progresso nacional.

— *Acha que desta Conferência pode resultar algo em favor da união dos povos do Continente?*

— Na Conferência Inter-americana de Petrópolis, se alguns delegados latino-americanos souberem colocar e defender os problemas de seus povos e golpear de frente a ofensiva imperialista de Truman e Marshall, revelar-se-ão, mais uma vez, e com um vigor novo, os ideais generosos e unificadores dos grandes heróis do Continente, de Tiradentes, Bolivar, Hidalgo, O Higgins, de San Martin, de Toussaint Louverture, de todos aqueles que lutaram pela independência e o progresso de nossas Pátrias. E o pan-americanismo de verdade há de ser alcançado, através da luta de nossos povos contra a exploração imperialista, pela independência política e econômica de tôda a América Latina, unida enfim aos povos anglo-saxões do Continente que já sentem pelas suas camadas mais progressistas que não podem ser livres os povos que oprimem a outros povos.

o leitor escreve

EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES DA PROGRESSO INDUSTRIAL, EM BANGU

BANGU — Distrito Federal. Sr. redator — Não é possível que em pleno século XX haja tanta exploração do homem pelo homem. Na companhia Progresso Industrial do Brasil, em Bangú, trabalham cêrca de cinco mil operários, entre homens, mulheres e crianças. Esses explorados trabalham onze horas por dia, ganhando salário miserável, que mal dá para viver, geralmente, alimentando-se de arroz, feijão e fubá.

Estive há dias conversando com alguns trabalhadores dessa Companhia que me relataram a situação de miséria em que se encontram, percebendo salários que não dão sequer para cobrir as despesas de seus respectivos lares. Um dêles me informou que tem doze pessoas em casa e que, trabalhando onze horas por dia, percebe em média 500 cruzeiros por semana, quando as despesas atingem no mesmo período a mais de 600 cruzeiros devido o alto custo da vida.

Agora vejamos como consegue viver a família dêsse operário: na sua casa não entra batata inglêsa, carne de vaca e outros alimentos indispensáveis à alimentação de seus filhos. Assim vive a totalidade dos trabalhadores dessa Companhia.

Na hora do almôço os operários saem às carreiras para almoçar em suas casas; almoçam em 10 minutos e voltam correndo para o trabalho. Quando já não aguentam de tanta fadiga e a fome aperta, vão à gerência pedir um pequeno aumento de salários e lá são recebidos com estupidez, demitidos sumariamente como "agentes comunistas".

Saudações. — a) Lyndolpho Silva.

P. S. — Estamos fazendo um amplo relatório sôbre a miséria dos trabalhadores da Companhia Progresso Industrial do Brasil que será remetido ao vereador Arlindo Pinho, eleito ao Conselho Municipal pelos trabalhadores de Bangú.

L. S.

«A CLASSE OPERÁRIA» é um roteiro indispensável a todo democrata e patriota, a todo comunista. Torne-se um assinante de «A CLASSE» e faça também que seus amigos, companheiros e vizinhos assinem o querido semanário do proletariado e do povo.

CAMPONÊS

VOCÊ, tem as mãos cheias de calos de tanto pegar no cabo da enxada. Continua, depois de velho, a cavar a terra que não é sua. E está hoje, mais cansado e mais pobre. Você que chegou a perder a esperança de uma vida feliz nesse mundão de terras regadas com o suor de várias gerações de espoliados, tem agora, pela primeira vez no Brasil, um jornal que se interessa pela sua sorte. Esse jornal é TRIBUNA POPULAR, o jornal que diz em linguagem simples tudo aquilo que o povo realmente quer saber. TRIBUNA POPULAR tem como um dos pontos mais altos do seu programa: a reforma agrária. É a entrega da terra aos camponezes. É a melhoria de condições de vida e de trabalho da grande massa trabalhadora do campo. É dinheiro na mão do camponês, é saúde, instrução, moradia. Esse programa é o seu programa, o programa que o libertará da miséria para sempre. TRIBUNA POPULAR o ajudará a transformar em realidade esse ideal, ensinando como você deve se organizar, dentro da ordem e da lei, para reclamar os seus direitos pelos meios pacíficos que a democracia põe ao nosso alcance. Faça de TRIBUNA POPULAR o porta-voz das suas aspirações. Com os meios de que dispuser, procure receber regularmente TRIBUNA POPULAR. Se as suas posses permitirem que tome uma assinatura, não deixe de emprestar o jornal que acaba de ler a outras pessoas de seu grupo. Quanto maior for o número de leitores de TRIBUNA POPULAR, mais alto ele poderá erguer sua voz na defesa das justas reivindicações de 20 milhões de camponezes sem terras no Brasil! É o jornal dos pobres, dos humildes, dos injustiçados, dos desprotegidos, o jornal da esperança e da verdade.

Torne-se hoje mesmo assinante da «TRIBUNA POPULAR»

Recorte ou copie este cupão e remeta-o à «Tribuna Popular»

Snr. Gerente da «Tribuna Popular»
Av. Pres. Antonio Carlos, 207-13º - RIO DE JANEIRO

Anexo um (vale postal ou cheque pagável no Rio de Janeiro à «TRIBUNA POPULAR»), na importância de Cr.$ (120,00 ou 70,00) para uma assinatura por (1 ano ou seis mêses) da «TRIBUNA POPULAR».

Nome...
Endereço...
Município............................Estado.........

A Classe Reacionaria se aliou, em 1789, com os Inimigos da França

(N. da R. — O Calendário dêste mês assinala três grandes fatos da Revolução Francesa: a abolição dos privilégios feudais, a invasão das Tulhérias e a Declaração dos Direitos do Homem. É em homenagem a êsses feitos heróicos dos revolucionários franceses de 1789 que transcrevemos êstes trechos do historiador soviético E. Tarle, extraídos do folheto "A grande Revolução Francesa", Edições Horizonte).

A Revolução Francesa foi condutora, durante anos, de uma luta incansável e furiosa, que, em caso de fracasso, poderia redundar não sòmente na perda de tôdas as suas conquistas revolucionárias, como também no desmembramento do país e na supressão da independência nacional.

A Revolução resistiu heròicamente na luta que travou com tôda a Europa monárquica, com numerosos intervencionistas subornados pelo país econòmicamente mais avançado da época: a Inglaterra.

O esmagamento de todos êsses intervencionistas contribuiu poderosamente para a glória imortal dessa época, demonstrando aos vacilantes o poder inabalável dos princípios revolucionários.

A Revolução tinha alcançado, no interior, desde seus primeiros passos, uma vitória tão completa, tão decisiva sôbre o antigo regime, que não era possível o restabelecimento do sistema absolutista e feudal derrubado, ùnicamente com as fôrças da reação interna. Nem os irmãos do rei que abandonaram a França, no dia seguinte ao da tomada da Bastilha, nem os emigrados que os secundavam em Londres, Koblentz, Mitau, nem os amigos e correspondentes secretos ocultos na França, jamais acreditaram que a Vendéia ou a Normandia, Lyon ou Toulon poderiam determinar o triunfo da contra-revolução, sem o socorro dos estrangeiros, sem uma intervenção armada capaz de ajudá-los a tempo.

Recordamos que desde o começo da Revolução, o antigo regime encontrou-se, com surpresa sua, privado de todo apôio militar e sem um só corpo de exército à sua disposição. Sem vacilar, a massa de soldados tinha aderido à Revolução e os guardas franceses assaltaram a Bastilha, a 14 de julho, ombro a ombro com o povo em revolta. Em Koblentz, o ínfimo destacamento dos emigrados compunha-se de generais e oficiais e de aventureiros suspeitos que se faziam passar por soldados. Em fins de setembro e princípios de outubro de 1789, quando a côrte concentrou em Versalhes as "unidades de confiança" para marchar sôbre Paris, ocorreu que nessas "unidades de confiança" sòmente os oficiais eram de "confiança", e o eram especialmente para banquetear-se e cantar "ô, mon roi, tout le monde t'abandonne!" (Oh, meu rei, todo mundo te abandona!)

E quando as mulheres famintas, enfurecidas por essas manifestações dos privilegiados, invadiram Versalhes e levaram a família real para Paris, os soldados das "unidades de confiança" passaram-se para a Revolução e recusaram-se a resistir. Em tôda a França ocorreu coisa idêntica.

Solicitando a assistência dos monarcas estrangeiros, os emigrados não cessavam de mentir; afirmavam que a maioria do povo francês estava oprimida por um pequeno bando de revolucionários; que todo mundo esperava impacientemente a marcha vitoriosa das tropas da intervenção sôbre Paris para prostar-se aos pés do trono. Mas os que proclamavam estas mentiras não acreditavam nelas, e nem tampouco os monarcas inteligentes.

★

Em princípios de 1790, um revolucionário tão conseqüente, incorruptível e intrépido como Maximiliano Robespierre acreditava que a Revolução terminara e que já não era preciso combater senão para consolidar suas conquistas e seu desenvolvimento. Mas não! A Revolução, longe de ter atingido sua meta, na verdade apenas principiava, por isso que os vencidos puseram tôda sua esperança na invasão estrangeira, nas balas prussianas e austríacas, nas baterias flutuantes, nas longínqüas reservas russas. O mesmo Robespierre, que no começo da Revolução havia comovido a Assembléia Constituinte com uma moção na qual pedia a abolição definitiva da pena de morte em França, castigou impiedosamente os inimigos e os traidores, tanto na frente como na retaguarda.

Mais de Meio Século de Conferências Pan-Americanas

E a Penetração do Imperialismo Ianque no Continente

UM SALTIBANCO CONVOCOU EM 1889, A PRIMEIRA CONFERÊNCIA E MILHÕES DE CRIATURAS, EM 20 REPÚBLICAS, VIVEM NAS MISERÁVEIS CONDIÇÕES DE HÁ 60 ANOS — A «GRANDE BENGALA» DE TEODORO ROOSEVELT FOI A PRÁTICA DA «DOUTRINA DE MONROE» — OS POVOS LATINO-AMERICANOS LUTAM HOJE PELA SUA EMANCIPAÇÃO ECONÔMICA E POLÍTICA CONTRA OS MONOPÓLIOS DE WALL STREET

O "pan-americanista" Tom Connally é senador pelo mesmo Estado do famoso Bilbo, o fanático racista cuja escandalosa eleição foi impugnada pela própria Câmara Alta dos EE. UU.

Desde que se libertaram da dominação colonial da Espanha, as Repúblicas da América Latina trataram de manter sua independência em face a qualquer nova opressão. Foi êsse desejo — expresso claramente por combatentes como Bolivar — que levou à realização de Congressos das Repúblicas americanas, o primeiro dos quais, sob a presidência do próprio Bolivar, teve lugar no Panamá, em 1826. Era, nesse tempo, a «unidade contra a Espanha», o único opressor até então conhecido pelos povos que haviam constituido em Repúblicas nesta parte do Hemisfério Ocidental. A êsse Congresso, entretanto, não esteve alheia a Inglaterra, que por interêsses econômicos auxiliara financeiramente as lutas dos povos da América Latina contra a Espanha. E a Inglaterra compareceu ao Congresso do Panamá, tendo a seu lado a Holanda. Os Estados Unidos, convidados embora para assisti-lo, não chegaram a enviar sua delegação. Seus negócios internos ainda preocupavam fundamentalmente os dirigentes ianques, os quais, entretanto, há alguns anos já, haviam manifestado claramente sua intenção de afastar qualquer possível concorrente destas plagas.

Mas nem mesmo aos Congressos subsequentes compareceriam os Estados Unidos: o de Lima, em 1848, o de Santiago do Chile, em 1856, e novamente outro de Lima, em 1865. Desde a declaração da «Doutrina de Monroe» — «A América para os Americanos» — os Estados Unidos tiveram grandes problemas internos a resolver, tratando de alargar suas fronteiras para o oeste e para o sul. Depois, foi a guerra de Secessão, o choque entre a industrialização do Norte e a economia agrária do Sul, envolvendo o problema da escravidão negra.

Na segunda metade do século 19 o poderio norte-americano, fortalecido pela guerra civil, já dirigia mais longe. Foi então que o vitorioso general Grant ouviu de um diplomata ianque, uma frase apropriada para um banquete a um chefe guerreiro: «A América do Sul é um presunto que deve ser comido por nós».

No fim do século, os Estados Unidos dariam início à sua fase de expansão extra-continental.

Não por acaso triplicaram sua frota de grandes navios. Surgem os «trusts», isto é, as reuniões de diversas emprêsas do mesmo ramo para controlar absolutamente sua produção e distribuição. Em 1882, John D. Rockefeller monopolizava 99 % de tôdas as refinarias de petróleo do país, tendo organizado para isso a Standard Oil Trust. Da refinação, êsse magnata salta sôbre a produção do óleo mineral, visando controlar a extração do petróleo. Em 1900 sua organização possui o contrôle absoluto da indústria do petróleo dos Estados Unidos, desde a extração até a venda ao consumidor. Os lucros foram fabulosos. Com êsses lucros, Rockefeller avançou sôbre as estradas de ferro, minas de carvão, usinas de aço, bancos, etc.

Os Estados Unidos haviam atingido a éra dos grandes negócios. Ao lado de um Rockefeller surgia um Andrew Carnegie, cujo método de produção de aço revolucionando a indústria, iria concorrer com a mais adiantada do mundo de então — a produção inglesa.

BLAINE — O «PAI» DO PAN-AMERICANISMO OFICIAL

Eram homens de negócio os que dirigiam a politica norte-americana. Foi um dêles, James G. Blaine, quem sugeriu a primeira conferência pan-americana sob os auspicios dos Estados Unidos. Como Secretário de Estado, convocou essa Conferência para 1881. No entanto, por motivos estranhos à sua vontade, a conferência não pôde efetuar-se. Como presidente da Câmara de Representantes, Blaine esteve envolvido numa escandalosa venda de títulos inexistentes de uma estrada de ferro. E' êsse homem que muitos «pan-americanistas» consideram o «pai» do pan-americanismo oficial ianque. Dêle diria irônicamente Eduardo Prado que se tratava de um «quase diplomata», mas era considerado por um seu patrício como «um homem de pauta alfandegária». E um historiador ianque o identificaria como «uma singular mistura de homem de Estado e de saltibanco» (1).

Apesar de fracassado em sua tentativa de reunir a primeira conferência, em parte devido ao escândalo de seus negócios, não desistiu entretanto de sua iniciativa. E com a volta ao govêrno, em 1888, fez a convocação para a Primeira Conferência pan-americana que efetivamente se realizou em 1889, em Washington.

A própria escolha do local da Conferência não foi casual. O crescente poderio dos Estados Unidos impressionava vivamente os delegados dos países semi coloniais do sul do continente. A liderança norte-americana em tudo era ostensiva. A conferência previa a solução de importantes problemas econômicos, uma união alfandegária, a unidade monetária e um bloco continental. Entretanto, êles não foram resolvidos absolutamente. Os propiciadores da Conferência tiveram que se conformar com um resultado burocrático: a criação de uma Secretaria Internacional das Repúblicas americanas, com sede em Washington.

Que os Estados Unidos tratavam simplesmente de seus negócios, é mais que evidente. A reunião deveria abranger as «repúblicas autônomas» do Continente. Mas o Brasil imperial também esteve presente, embora no meio da Conferência se désse a proclamação da República — à qual não estavam alheios os americanos —. Mas o Canadá, que também é continente americano, não foi convidado.

Entretanto, o motivo fundamental do fracasso da Conferência era a preponderância mantida pelas finanças inglesas, preponderância que só seria superada pela ianque depois da primeira guerra mundial. Para ilustrar, basta dizer que, no ano imediatamente anterior à primeira guerra mundial — 1913 — o total de capitais ingleses nos principais países da América do Sul se elevava a 3 bilhões 834 milhões de dólares, enquanto os Estados Unidos possuiam, nesses mesmos países, apenas 173 milhões de dólares (2).

A Primeira Conferência fôra um ensaio. E embora não produzisse frutos imediatos, era a oficialização do «Pan-americanismo», a sua imposição diplomática pelos Estados Unidos aos demais povos do Continente, ainda que encontrando sérias resistências, como na Argentina, mais estreitamente vinculada à Inglaterra do que qualquer outra República do Hemisfério Ocidental. O govêrno americano impunha uma tese nova: as reuniões tradicionais de representantes dos povos americanos para discussão de problemas comuns deveriam, daqui por diante, incluir obrigatoriamente uma Nação não Latina, que diferia, sob muitos outros pontos, das demais Nações do Continente e que, principalmente, se encontrava num nível de desenvolvimento econômico que lhe garantia supremacia absoluta sôbre tôdas.

O "pan-americanista" Vandenberg

A GRANDE BENGALA

Quando se realizou a Segunda Conferência Pan-Americana, em 1901, os Estados Unidos se prontificaram a aplicar na prática a «Doutrina de Monroe». Foi Theodore Roosevelt (3) quem, com sua política do «big-stick" (a grande bengala), imprimiu aspecto agressivo a essa política. Seu antecessor, Mac Kinley, assassinado apenas poucos meses depois de eleito, convocara a 2.ª Conferência pan-americana, que iniciou em 1901, no México. Era, mais que tudo, a consolidação da supremacia ianque no Continente, pela fôrça. A guerra dos Estados Unidos contra a Espanha, em 1898, levara o poderio norte-americano a pontos vitais do Pacífico, com a ocupação das ilhas Filipinas, e, no Mar das Antilhas, com a ocupação de Cuba e Porto Rico. Chegara o momento de realizar um dos mais antigos objetivos ianques: a abertura do Canal do Panamá, impossibilitada até então pelo choque de interêsses dos Estados Unidos, Inglaterra e França. A posse de Cuba levava os Estados Unidos ao pé do Istmo. Havia, porém, um impecilho a vencer: a soberania da Colômbia, de que o Panamá era apenas uma província. O acôrdo impôsto pelos Estados Unidos à Colômbia não bastou. «Historiadores» americanos narram com bastante cinismo o fato:

«No outono de 1903, o povo do Panamá, sentindo que os Estados Unidos o apoiaria na certa, revoltou-se contra a Colômbia e se constituiu em República. O Presidente Roosevelt, que mandara fôrças navais americanas para acompanhar a marcha dos acontecimentos, imediatamente reconheceu como país indepen-

(Conclui na 6.ª pág.)

OS COMUNISTAS NÃO SERÃO ISOLADOS

Por LUIGI LONGO

N. R. — O artigo abaixo, de autoria do famoso dirigente comunista italiano Luigi Longo, publicado no semanário «Caminhos Novos», encerra particular interêsse para os comunistas e democratas brasileiros, porque reflete uma situação política em vários pontos semelhantes à do nosso país, apesar das diferenças relativas na correlação de fôrças existentes no Brasil e na Itália.

A exclusão dos comunistas e dos socialistas do govêrno, para aqueles que o quiseram, não foi um fim em si mesmo, mas a premissa para a realização de um plano mais vasto de provocações e de luta contra os partidos populares, às classes trabalhadoras e a democracia. Demonstrou-o o sr. De Gasperi com os seus discursos em Roma e Veneza, nos quais incitava os jovens da Ação Católica ao ódio e à ação direta contra os comunistas. Demonstrou-o o sr. Scelba, ministro do Interior, com as suas instruções aos governadores e chefes de policia, no sentido de que tornem a vida dura aos comunistas.

O plano é claro: apresentar os comunistas como os prepotentes, os intolerantes, os responsáveis pelas violências e desordens; mobilizar contra êles a opinião pública, as "esquadras" dos jovens democratas-cristãos, as "velozes" e tôdas as policias da República; levar a luta e a competição politica do plano democrático ao da ação pela fôrça, da rixa dominical e da repressão policialesca e judiciária.

Há dois anos — desde a insurreição — agentes estrangeiros e reacionários nacionais nos acusam e caluniam.

Mas desde há dois anos, após as magníficas provas de heroismo e de amor pátrio dadas na conspiração e na insurreição, o Partido Comunista viu crescer sempre mais a própria influência entre as massas populares italianas: entre os trabalhadores do braço e da inteligência, entre os católicos e mesmo naquelas regiões da Itália meridional, que pareciam mais retraidas à sua penetração.

As mentiras e as calúnias anti-comunistas aparecem tal qual são: sendo simples mentiras e calúnias, tiveram efeito contrário ao previsto e se voltaram contra os próprios caluniadores.

Os fatos demonstraram que os comunistas não preparavam nem preparam a insurreição, não preparavam nem preparam desordens. Os fatos demonstraram que os comunistas, mais do que quaisquer outros, querem a tranquilidade social, a reconstrução do país, o bem do povo. Os eleitores assimilaram a eloquente lição dos fatos e manifestaram, tôda vez que o puderam, com o próprio voto, a sua crescente simpatia pelo Partido Comunista Italiano.

Foi isto que irritou desesperadamente a reação, a imprensa amarela doméstica e os agentes estrangeiros, que a manobram. Não bastando as mentiras e as calúnias, tentou-se e se tenta a provocação aberta, no plano político e policial.

Primeira provocação: a exclusão dos comunistas e socialistas do govêrno. Pensava-se, e se disse, que nós responderiamos a esta exclusão, fazendo um "Quarenta e oito" (N. R. — refere-se à famosa insurreição popular de 1848). *Nós identificamos, como se devia, o ânimo, os intentos reacionários e as vergonhas de quem realizou aquela operação, mas ficamos, como sempre, sôbre o plano da critica livre, democrática e pacifica.*

Quem nos excluiu do govêrno sentiu que o golpe se voltava contra êle sentiu que o povo se fôsse chamado a julgar o teria condenado. Por isso, aproveitou-se do silêncio das urnas para adiar, o mais que pôde, o dia do julgamento popular. (N. R. — as eleições na Itália, estavam marcadas para outubro próximo, tendo sido adiadas para 1948, graças à uma escassa maioria na Assembléia Constituinte).

Nós denunciamos a hipocrisia e o mêdo dos nossos adversários e calmamente lhes asseguramos que saberemos aproveitar o maior tempo à disposição para preparar ainda melhor a nossa vitória.

Intervem o ministro Scelba, provocando-nos com inquisições às secções comunistas, proibindo que fizéssemos o que permite a todos os demais (alto-falantes, afixação de manifestos, jornais murais, etc.), pondo em vigor velhos dispositivos fascistas, que já eram uma vergonha para o próprio regime mussoliniano. Esperava que nós nos deixariamos fazer de caçados pelos seus agentes, que responderiamos às suas prepotências com a prepotência, às suas violências com a violência.

Nós denunciamos os seus arbitrios e indicamos "semana de recrutamento", "semana do campo": e milhares e dezenas de milhares de novos inscritos — homens e mulheres, trabalhadores manuais e pequenos burgueses, católicos praticantes e indiferentes — entraram nestes dias, para reforçar as nossas fileiras. Os companheiros de Roma, ao desespêro de Scelba contra os jornais murais, responderam com uma grande "Subscrição Scelba" para os jornais murais.

Em Veneza, o sr. De Gasperi, com intentos provocadores, quis separar ouvintes democratas-cristãos e ouvintes não democratas-cristãos. A fim de jogar os primeiros contra os segundos, fez lançar sôbre os últimos bombas de gás lacrimogênio.

O céu o puniu: um vento justiceiro desviou o gás e fez chorar o verdadeiro responsável pela violência e pela provocação, isto é, o próprio sr. De Gasperi.

Este acreditava, em Veneza, poder cavar um abismo entre trabalhadores católicos e trabalhadores comunistas, com tôdas as vantagens para a sua politica recionária e de esfomeamento. O companheiro Togliatti respondeu, no domingo passado, na vizinha Pádua: — "Não lançaremos o grito de guerra contra o movimento católico. Repudiamos a luta religiosa. Trabalhamos com tôdas as nossas fôrças para a unidade das classes trabalhadoras italianas."

Isto quer dizer que não nos deixaremos empurrar para o terreno de ilegalidade. Defenderemos livremente, democraticamente, à luz do sol, em solidariedade com todos os democratas sinceros e honestos, os nossos direitos de cidadãos, de trabalhadores, de militantes politicos.

No que se refere à rigorosa aplicação da liberdade de associação, de palavra, de reunião e de propaganda para todos os cidadãos e para todos os movimentos e partidos democráticos, nós reivindicamos, para nós, igual respeito dêstes direitos.

A tôda a provocação policial, responderemos denunciando-a aos trabalhadores e à opinião pública. Não bastando isso, faremos um apêlo à solidariedade ativa de todo o povo, não esquecendo que, para a defêsa das liberdades democráticas, são legitimas as formas mais avançadas da luta democrática, sem excluir a greve politica geral.

Não se iludam os nossos adversários, os inimigos de todo o nome e côr da liberdade e da democracia: não conseguirão isolar-nos. Êles nos terão sempre pela frente, na defêsa das liberdades populares, na vanguarda de todos os democratas, de todo o povo, ao qual — queiram-no ou não — deverão mais uma vez prestar contas dos seus atos.

Êsse dia será um dia triste para êles: será o dia da sua condenação e da nossa segura vitória; da condenação da reação e da vitória definitiva da liberdade e da democracia.

O "pan-americanista" Marshall